



BOLETIM MENSAL DO ESTADO DAS CULTURAS E PREVISÃO DE COLHEITAS

SETEMBRO DE 2026

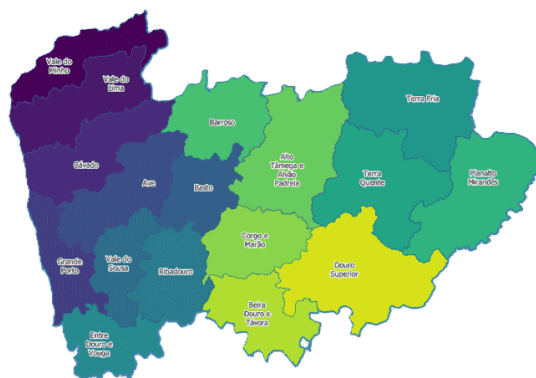
NOTA PRÉVIA

O Estado das Culturas e Previsão das Colheitas (ECPC) é um projeto mensal supervisionado pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) que, desde 1945, disponibiliza informação de carácter previsional, relativamente a áreas, produtividades e produções globais das principais culturas, ao nível geográfico do Continente. Desde o dia 1 de janeiro de 2024, na Região Norte, a recolha de informação é efetuada pelos técnicos da CCDR Norte distribuídos pelo território, sobretudo das quatro divisões territoriais do Minho, Porto e Douro, Trás-os-Montes e Alto Douro, sob coordenação da Divisão de Programas e Avaliação.

A necessidade da tomada de decisões políticas e económicas a curto prazo, especialmente no contexto específico do setor agrícola, não se coaduna com o tempo de espera por dados obtidos por meio de inquéritos ou de organismos de intervenção económica. Este requisito tem sido cada vez mais evidente nos últimos anos, em consequência do aumento dos efeitos das alterações climáticas. A ocorrência mais frequente de períodos de seca prolongada e eventos meteorológicos extremos requerem uma monitorização contínua do ECPC.

Mensalmente, a CCDR Norte produz este boletim que remete para o INE. Por sua vez, este Instituto, procede à agregação e tratamento da informação a nível do continente, bem como de informação administrativa que se encontre disponível à data, e integra-a no Boletim Mensal de Agricultura e Pescas ([INE](#)) que fornece uma visão geral do setor no Continente.

Antes da sua integração nas CCDRs, as Direções Regionais de Agricultura e Pescas foram responsáveis pela monitorização do ECPC durante mais de trinta anos. A coleta de dados era realizada em áreas designadas por "zonas de observação". Estas zonas eram originalmente definidas com base na homogeneidade edafoclimática e coincidiam administrativamente com as então Zonas Agrárias. No entanto, devido a várias reestruturações nos serviços descentralizados do Ministério da Agricultura, as zonas de observação perderam a sua correspondência administrativa. Embora tenha persistido alguma uniformidade no comportamento das culturas nos concelhos de cada zona de observação, o modelo de coleta de dados tornou-se desajustado em termos administrativos.



ZONAS HOMOGÉNEAS

Neste contexto e aproveitando a oportunidade proporcionada pelo Recenseamento Agrícola de 2019 (RA 2019), optou-se por realizar toda a coleta a nível de concelho. Esta mudança facilita a agregação geográfica da informação, nomeadamente por zona de observação (mapa), NUTS III e Sub-Região Agrária.

Nota: As zonas homogéneas da Beira Douro e Távora, Corgo e Marão e Douro Superior surgem englobadas na designação "Douro Sul".

SIGLAS

CCDR-N	Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte, I. P.;
EDM	Região Agrária do Entre Douro e Minho;
INE	Instituto Nacional de Estatística;
IPMA	Instituto Português do Mar e da Atmosfera
TM	Região Agrária de Trás-os-Montes

ESTADO DAS CULTURAS E PREVISÃO DE COLHEITAS

Divisão de Programas e Avaliação

Lugar de Codessais – Vila Real

5000-421 – VILA REAL, PORTUGAL

(+ 351 278 260 900 * agrodigital.sia@ccdr-n.pt

<https://agrodigital.ccdr-n.pt/sia/Informação-Agrária/Estado-das-Culturas>

Capa: Pormenor de amêndoa na Vilariça, 14.09.2026

Foto por: Miguel Martins

FICHA TÉCNICA

Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Rural do Norte, I.P.

Unidade de Desenvolvimento Rural, Agroalimentar e Pescas

Divisão de Programas e Avaliação

Equipa Técnica

Anabela Coimbra

Aurora Alves

Isabel Correia

Jerónimo Côrte-Real Santos

Joaquim Moreira

Maria Laura Cruz

Miguel Martins

Paulo Guedes

Sandra Coelho

Suzana Antunes Fonseca

Coordenação

José Manuel Vieira

Resumo

O mês de setembro de 2026 ficou marcado por temperaturas muito elevadas e escassez de precipitação, prolongando os efeitos do défice hídrico acumulado ao longo do verão. Apesar da chuva ocorrida no final do mês, a reposição das reservas de água no solo foi insuficiente, mantendo-se a necessidade de rega em algumas culturas. As condições meteorológicas deste mês favoreceram a realização das colheitas, nomeadamente dos milhos para silagem e grão e das vindimas, permitindo a circulação de máquinas e a execução normal dos trabalhos agrícolas.

O dia 03 de setembro destacou-se como um dos mais quentes das últimas décadas e o calor intenso, associado à reduzida disponibilidade hídrica, afetou a atividade fisiológica das plantas, provocando desidratação e fenómenos de escaldão em alguns frutos, em particular nas uvas, figos, mirtilos e kiwis. Ao nível fitossanitário, estas condições de secura reduziram a incidência de inúmeras pragas e doenças, melhorando a qualidade dos frutos.

Os níveis de água armazenada sofreram reduções consideráveis, afetando também diversas linhas de água, furos e poços.

No final do mês assistiu-se também a alguma recuperação dos prados e pastagens, cuja produção foi bastante afetada pelas temperaturas elevadas do período estival.

De um modo geral pode considerar-se que 2026 foi um “ano de fruta”, com grande parte das culturas permanentes a produzir em grande quantidade e com boa qualidade. Neste momento os produtores de castanha e azeitona estão expectantes quanto às produtividades, que dependem em grande escala da evolução das condições meteorológicas durante o próximo mês.

Índice

1	<i>Estado do tempo e sua influência na agricultura</i>	7
1.1	Entre Douro e Minho	7
1.1	Trás-os-Montes	8
2	<i>Fitossanidade</i>	15
2.1	Entre Douro e Minho	15
2.2	Trás-os-Montes	15
3	<i>Cereais Praganosos para grão</i>	18
3.1	Entre Douro e Minho	18
3.2	Trás-os-Montes	19
4	<i>Milho grão de Sequeiro Regadio</i>	20
4.1	Entre Douro e Minho	20
4.2	Trás-os-Montes	21
5	<i>Leguminosas secas – Grão-de-Bico e Feijão</i>	23
5.1	Entre Douro e Minho	23
6	<i>Batata Hortas familiares</i>	23
6.1	Entre Douro e Minho	23
6.2	Trás-os-Montes	23
7	<i>Fruticultura</i>	26
7.1	Entre Douro e Minho	26
	Actinídeas (Kiwi)	26
	Castanheiros, Nogueiras	27
	Citrinos	29
	Figueiras	29
	Mirtilos	30
	Pessegueiros	30
	Pomóideas	30
7.2	Trás-os-Montes	30
	Amendoeiras, Aveliras, Castanheiros, Nogueiras	30
	Ameixeiras, Pessegueiros	43

Figueiras	44
Pomóideas	46
8 Vinha	50
8.1 Entre Douro e Minho	50
8.2 Trás-os-Montes	52
9 Olival	55
9.1 Entre Douro e Minho	55
9.2 Trás-os-Montes	57
10 Prados, pastagens e culturas forrageiras	61
10.1 Entre Douro e Minho	61
10.2 Trás-os-Montes	62
11 Tabelas com previsões das áreas semeadas, das produtividades e estimativas da produção	66

1 Estado do tempo e sua influência na agricultura

1.1 *Entre Douro e Minho*

As condições meteorológicas que se observaram na sub-região do Entre Douro e Minho (EDM) assentaram em temperaturas elevadas e pouca precipitação. Apesar da ocorrência de chuva no final de agosto, não se verificou uma recuperação significativa das reservas de água no solo, pelo que se prolongaram os efeitos do défice hídrico acumulado ao longo do verão, mantendo-se as necessidades de rega em culturas que ainda não terminaram o seu ciclo vegetativo. A situação contrasta com a observada em setembro de 2025, período em que ocorreram diversos dias de chuva ao longo do mês.

As condições do tempo revelaram-se favoráveis à realização das colheitas, nomeadamente dos milhos para silagem e para grão e das uvas, permitindo a normal realização dos trabalhos, como a circulação de máquinas.



Figura 1. Cacho da casta ‘Vinhão’, com bagos murchos, 15.09.2026, Vila Verde, zona de observação do Cávado
Foto por: Maria Laura

No que diz respeito às pastagens, houve uma recuperação muito significativa devido à chuva no final de agosto, que permitiu a manutenção de algum crescimento das ervas, mesmo com escassez de água durante este período.

As temperaturas elevadas e a reduzida precipitação tiveram impacto em diversas culturas, nomeadamente a ocorrência de algum escaldão em cachos de uvas e em frutos de kiwi, bem como reduções de produtividade no milho, nas culturas forrageiras e nas pastagens.

As adegas cooperativas da região, assim como as adegas particulares pertencentes a produtores e engarrafadores da região, iniciaram a receção das uvas no final do mês de agosto, tendo esta operação decorrido até ao início da segunda quinzena de setembro.

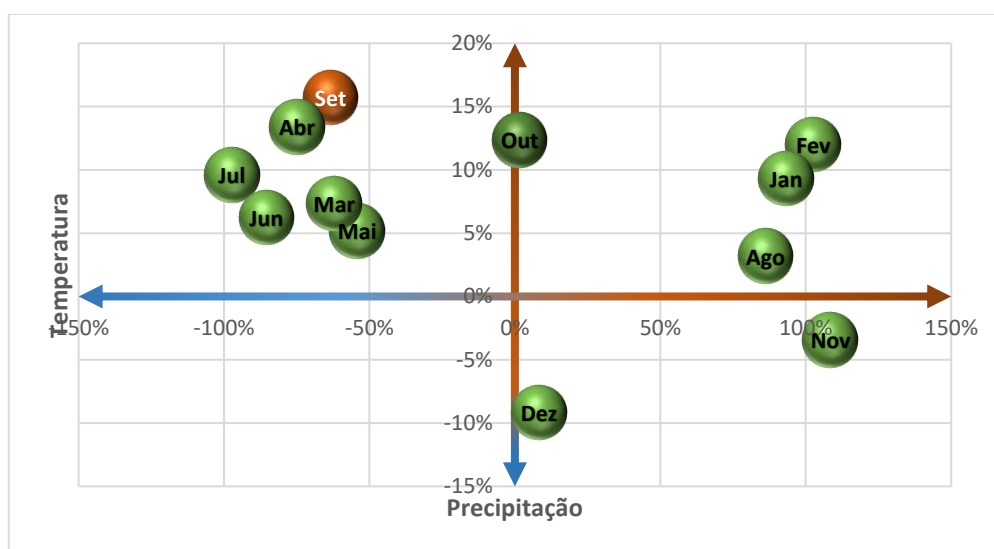


Figura 2. Desvio relativo da temperatura média do ar e precipitação acumulada no Entre Douro e Minho durante os últimos 12 meses, face às normais climatológicas (1971-2000)

1.1 Trás-os-Montes

Com o arranque do mês de setembro arranca também o outono meteorológico, acompanhado de dias de muito sol e uma subida progressiva das temperaturas, com picos de calor entre os dias 03 e 07. Por toda a região transmontana, durante o mês de setembro, o tempo foi de um modo geral de pleno verão, tipicamente quente e seco. Este padrão está a ser frequente nos últimos anos, embora não seja anormal para a época do ano ou para a região.

As temperaturas máximas e mínimas estiveram acima da normal climatológica, com o dia 03 de setembro a marcar nova onda de calor, com temperaturas muito elevadas. De acordo com dados do IPMA, a circulação atmosférica nessa data promoveu o transporte de uma massa

de ar muito quente e seca proveniente do Norte de África, com elevado conteúdo em poeiras, fazendo desse dia o 4º mais quente, de todos os dias de setembro dos últimos 85 anos.

Relativamente a 2026, o dia 03 de setembro foi o 5º dia mais quente do ano em Portugal Continental, correspondendo a um desvio de +7.3°C em relação ao valor médio de 1991-2020.

Também as temperaturas mínimas sofreram aumentos significativos, diminuindo as amplitudes térmicas entre o período do dia e da noite, com impacto direto na atividade fisiológica das plantas e na produção agrícola em geral.

Na segunda semana registaram-se alguns períodos de chuva e as temperaturas desceram ligeiramente, para voltar a subir entre os dias 15 e 24, atingindo valores de 35°C (ou mesmo superiores em alguns locais), com o IPMA a manter em aviso amarelo parte da região transmontana. A ausência de precipitação manteve-se até ao dia 28 de setembro, com as temperaturas a registar descidas acentuadas, acompanhadas de chuva e trovoadas.

A **Evapotranspiração de Referência (ET_0)**¹ também registou descidas, com os valores máximos a situarem-se entre os 4,1mm no distrito de Vila Real e 5,1mm no distrito de Bragança.

Estas condições meteorológicas são desfavoráveis ao término do ciclo cultural das principais culturas da **Terra Fria**, nomeadamente a engorda da castanha e o final da maturação da noz, uma vez que nessas fases as plantas necessitam de humidade, temperaturas mais baixas e disponibilidade hídrica no solo para terminar o ciclo vegetativo com sucesso, especialmente após um verão que foi quente e seco, com meses consecutivos sem precipitação e vários dias seguidos com temperaturas acima dos 36°C.

As condições meteorológicas observadas – temperaturas elevadas, ventos fortes e secos – associadas à elevada carga de matéria vegetal seca que existe em campo, favoreceram a propagação de incêndios rurais/florestais. Durante o mês registaram-se ocorrências em ambos os concelhos da **Terra Fria** (Bragança e Vinhais), nomeadamente nas freguesias de Donai e S. Julião de Palácios (Bragança) e Vilar Seco de Lomba, Vale das Fontes e Travanca e Santa Cruz (Vinhais). Segundo a plataforma fogos.pt, tratou-se de ocorrências de pequena a média dimensão em áreas de mato e floresta, que contaram com a rápida intervenção dos

¹ Quantidade de água que passa para a atmosfera (evapora) a partir do solo ou das plantas, desde que a superfície desse solo seja completamente coberta por relva. É independente do tipo de cultura.

meios do dispositivo da Proteção Civil (ANEPC²) e corporações de bombeiros. Para já, foram identificados/declarados pelos agricultores prejuízos em áreas de castanheiros.

Na **Terra Fria**, já são visíveis os impactos da ausência de precipitação e da seca. Os níveis de água armazenada diminuíram ao longo do verão, de forma acentuada em agosto e setembro.

Segundo o IPMA, em igual período do ano anterior a região estava classificada com o índice de **seca normal**. Neste momento está classificada como estando em **seca fraca**, com a persistência das temperaturas elevadas, a escassez de precipitação e o aumento da evaporação a intensificar a severidade da seca no Nordeste Transmontano.

As nascentes, furos e captações de água subterrânea ainda têm capacidade de disponibilizar água e repor parte do nível freático, mas em nível inferior quando comparado com o ano anterior e com o normal para a época e para a região. Estamos perante uma situação de seca ao nível do solo, após decorrido um verão sem precipitação, com idêntico registo no mês de setembro.

Relativamente às Barragens monitorizadas pela CCDR Norte, a situação atual é a normal para a época do ano e para a época de observação.

As Barragem de Gostei e de Prada têm menos água armazenada que em igual período do ano anterior (ver fotos 3 a 6). De um modo geral, todos os reservatórios de água existentes na área de observação dispõem de menor quantidade de água armazenada.



Figura 3. Barragem de Gostei, setembro de 2025, Gostei - Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 4. Barragem de Gostei, setembro de 2026, Gostei - Bragança

² Autoridade Nacional de Emergência e Proteção Civil



Figura 5. Barragem de Prada, setembro de 2025, Prada - Vinhais

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 6. Barragem de Prada, setembro de 2026, Prada - Vinhais

As linhas de água permanentes dispõem de água corrente, mas as linhas de água temporárias estão secas. Quando se observam as agueiras nos lameiros de regadio, ainda é possível observar água corrente.



Figura 7. Charca privada, setembro 2025, Sta Comba de Rossas - Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 8. Charca privada, setembro 2026, Sta Comba de Rossas - Bragança

Nos dias mais quentes de setembro, os castanheiros já evidenciavam sintomas de falta de água no solo, com as folhas a apresentarem coloração amarela, dobradas/enroladas e murchas e a verificar-se alguma queda prematura de ouriços. Os arrefecimentos noturnos da segunda quinzena do mês, típicos do Nordeste Transmontano, foram mais acentuados e aliviaram o stress hídrico da cultura.

No **Planalto Mirandês**, e em termos de seca, viveu-se um cenário de alívio e recuperação temporária neste final de verão, sobretudo nas culturas de sequeiro. Os meses anteriores foram críticos – atravessou-se um período de **seca fraca a moderada**, com a percentagem de água na superfície do solo a ser inferior a igual período de 2025 – ainda que, como referido, a precipitação das últimas semanas tenha desagravado a situação.



Figura 9. Barragem de Penas Roias a cerca de 80% da capacidade, 16.09.2025, Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins



Figura 10. Barragem de Penas Roias a cerca de 70-75% da capacidade, 14.09.2026, Mogadouro

Os ribeiros e regatos não têm caudal, as barragens dependentes dessas linhas de água têm o seu nível mais baixo que em setembro de 2025 e apenas os reservatórios abastecidos por furos artesianos mantêm o nível. Curiosamente, os poços observados ainda repõem o nível após o uso.



Figura 11. Represa em Lamoso (Parque Natural do Douro Internacional) a cerca de 60-70% da sua capacidade, 15.09.2026, Mogadouro

Foto por: Miguel Martins



Figuras 12 e 13. Charca para rega de amendoal em Castelo Branco, em 15.09.2025 (esq.) e em 14.09.2026 (dir.), onde o recurso a furo artesianos garante o nível de água um pouco superior este ano, Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins

Ainda que as projeções de precipitação para este mês sejam inferiores à normal climatológica, são superiores às de igual período do ano anterior.

Também no **Douro Sul** se sentiram os efeitos da elevação da temperatura e da ausência de precipitação. Com exceção da última semana, o mês de setembro foi extremamente quente e seco e as linhas de água registam níveis muito baixos.

Na barragem de Temilobos, em Armamar, o valor situa-se nos 47% do Nível de Pleno Armazenamento, valor mais baixo desde 2022 – considerado ano de **seca moderada**.



Figura 14. Barragem de Temilobos, 24.09.2025, Armamar
Fotos por: Suzana Fonseca



Figura 15. Barragem de Temilobos, 23.09.2026, Armamar

As charcas para rega das culturas permanentes, em especial as pomóideas, têm volumes de água muito reduzidos, em virtude não só da necessidade de rega – agravada pelo calor extremo – mas também da evaporação a que estiveram sujeitas. Importa recordar que no início da campanha de produção, e resultado da intensa precipitação no inverno, os reservatórios de água estiveram na sua capacidade máxima.



Figura 16. Charca para rega de pomóideas, 24.02.2026, Armamar
Fotos por: Suzana Fonseca



Figura 17. A mesma charca em 23.09.2026, Armamar

No seguimento do referido no Boletim de agosto, a barragem de Vale Madeiro, na **Terra Quente**, continua a registar descida do seu nível de armazenamento, que poderá estar associada a fatores como a diminuição da precipitação, o aumento das necessidades de consumo ou a ocorrência de períodos prolongados de temperaturas elevadas, que favorecem a evaporação. Em termos globais, a comparação entre os dois anos evidencia um decréscimo das disponibilidades hídricas da albufeira em 2026, refletindo uma situação de menor reserva de água, face ao período homólogo analisado.



Figura 18. Barragem de Santa Justa, setembro 2025, Alfândega da Fé



Figura 19. Barragem de Santa Justa, setembro 2026, Alfândega da Fé

Fotos por: Paulo Guedes

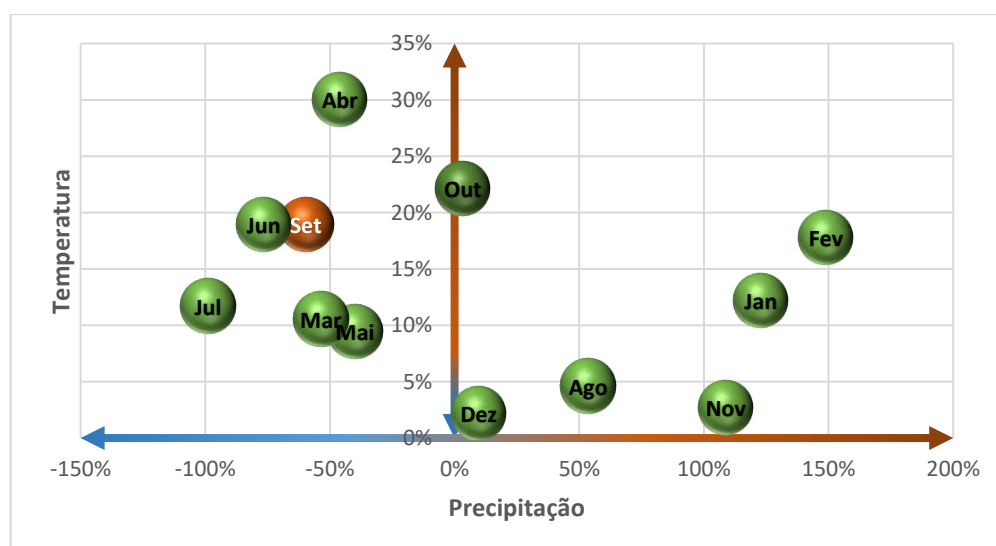


Figura 20. Desvio relativo da temperatura média do ar e precipitação acumulada em Trás-os-Montes durante os últimos 12 meses, face às normais climatológicas (1971-2000)

2 Fitossanidade

2.1 Entre Douro e Minho

Os registos de temperaturas elevadas e baixa humidade relativa são, de modo geral, adversas ao desenvolvimento de pragas. Períodos prolongados de calor seco durante o verão costumam diminuir os ataques, embora comecem a estar reunidas condições para a Mosca da Azeitona (*Bactrocera oleae*) e para o aumento da população da Mosca do Mediterrâneo (*Ceratitis capitata*). As populações de Traça-da-Uva (*Lobesia botrana*) e de Cigarrinha (*Empoasca vitis*) mantiveram-se em níveis baixos.

Em fim de campanha, uma das pragas que mais prejuízo tem causado no EDM é a Traça-da-Batata (*Phthorimaea operculella*). As populações aumentam de ano para ano, já que os agricultores não adotam práticas culturais adequadas e que não existem soluções eficazes para o seu controlo, quer em campo, quer no armazenamento.

O controlo das doenças foi facilitado pela reduzida precipitação, insolação e temperaturas elevadas. Registou-se alguma incidência de escaldão nos kiwis e na vinha e de podridão nos cachos de uva na fase final da vindima.

No concelho de Valença, onde foi inicialmente detetada a Síndrome de “Moria”, na cultura dos kiwis, esta situação associada ao declínio do fruto, continua a merecer acompanhamento, não se tendo registado evolução do problema durante esta fase do ciclo vegetativo. Nesta cultura, foram contudo reportados ataques de Percevejo Marmoreado Castanho (*Halyomorpha halys*).

A Estação de Avisos do EDM emitiu a Circular 13/2026 no dia 23 de setembro, onde aborda as principais medidas de prevenção de doenças e pragas da vinha, actínídeas, mirtilos, pomóideas, oliveiras, castanheiros, batateiras, hortícolas e ornamentais. Na página 10 foi publicado um panfleto de divulgação sobre o Percevejo Marmoreado Castanho ou Percevejo Asiático.

2.2 Trás-os-Montes

Em termos fitossanitários, confirma-se que neste ano agrícola a preocupação generalizada recaiu no stress hídrico a que as plantas estiveram sujeitas e que provocou inúmeros episódios de desidratação e escaldão, um pouco por toda a região de Trás-os-Montes.

Uma das culturas mais afetadas foi a vinha, com grande parte dos cachos a chegarem às adegas secos ou com menor peso do que seria desejável. Paralelamente à concentração de açúcares que ocorre nestas condições, as temperaturas demasiado elevadas provocam a alteração das características das uvas, com consequências ao nível da qualidade dos vinhos, que perdem parte das suas características organoléticas – em particular os vinhos brancos.



Figuras 21 e 22. Aspeto da vinha e de um cacho desidratado, Rebordelo – Vinhais
Fotos por: Anabela Coimbra

Também na vinha há registos de ocorrências de Oídio (*Erysiphe necator*) tardio, resultado de algumas noites mais frescas, com formação de orvalho matinal e onde, dada a proximidade da data de colheita, não foi possível realizar tratamentos.

Na **Terra Fria** os produtores de castanha estão mais atentos aos seus soutos e fazem um acompanhamento mais próximo das plantas durante todo o seu ciclo, adotando práticas culturais capazes de manter os castanheiros em bom estado fitossanitário. Nesse sentido, constata-se nos soutos a colocação de armadilhas para monitorização de pragas (ver fotos 23 e 24) e ponderar a viabilidade da aplicação de produtos fitofarmacêuticos no seu controlo.

A *Cydia fagiglandana*, comumente conhecida como Bichado da Castanha, é uma praga presente nos soutos do Nordeste Transmontano e, segundo os produtores e os técnicos das unidades de transformação, prevê-se que esta campanha a sua presença venha a ser significativa, estimando-se uma taxa de infestação de cerca de 15%.

No caso do Bichado, a luta biológica é a alternativa mais acessível aos produtores (ainda que muitos a desconheçam), com utilização de armadilhas com feromonas a instalar nas árvores, para captura em massa dos insetos.

O ciclo da praga leva as fêmeas a realizar posturas junto dos ouriços durante a formação da castanha e posteriormente ocorre a migração das larvas para o interior do fruto.



Figuras 23 e 24. Aspeto do souto em plena produção, com colocação de armadilhas cromotrópicas para monitorização de insetos praga nos castanheiros, Rebordãos – Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra

Neste momento a campanha da castanha revela-se incerta, com a qualidade do fruto a depender muito das condições meteorológicas. As temperaturas estão demasiado elevadas e é muito difícil fazer uma previsão assertiva. Os frutos apresentam calibres pequenos e prevê-se a formação de fungos, associados às temperaturas acima dos 30°C e à humidade, desde que as manhãs venham a ser orvalhadas. Esta campanha pode ter elevada taxa de Bichado e de Podridão da Castanha (*Sirocossus* ou *Gnomoniopsis smithogilvyi*).

Na **Terra Quente** a precipitação ocorrida no período que antecedeu a colheita criou condições muito favoráveis ao desenvolvimento da Moniliose (*Moniliose* spp.), doença fúngica que afeta gravemente os frutos na fase final da maturação. Os pomares encontravam-se já em estado de pré-colheita, circunstância que condicionou fortemente a capacidade de atuação dos produtores. Devido à necessidade de respeitar os intervalos de segurança dos produtos fitofarmacêuticos autorizados para o controlo da doença, não foi possível efetuar tratamentos preventivos ou de conservação sem comprometer o cumprimento dos limites legais de resíduos na fruta destinada ao consumo.

Esta limitação técnica e regulamentar deixou os frutos particularmente expostos à rápida propagação da doença durante um período crítico da campanha.



Figura 25. Pomar de nectarinas com grande perda de frutos

Fotos por: Paulo Guedes



Figura 26. Pêssegos não colhidos, com severo ataque de

Moniliose

A 23 de setembro a Estação de Avisos da Terra Quente emitiu a Circular 05/2026, centrada na cultura do olival, mais concretamente na Mosca da Azeitona (*Bactrocera oleae*) e nos cuidados a ter na sua monitorização e eventual tratamento fitossanitário.

A Estação de Avisos do Norte Transmontano emitiu a 25 de setembro a Circular 14/2026, inteiramente dedicada à cultura do castanheiro e à Podridão da Castanha, com aconselhamento acerca das medidas preventivas que contribuem para a redução do impacto desta doença.

Para mais informação, pode consultar o Serviço Nacional de Avisos Agrícolas em:

[Circulares da Estação de Avisos](#)

3 Cereais Praganos para grão

3.1 Entre Douro e Minho

Estão concluídas as colheitas dos cereais praganos de outono-inverno, cuja cultura se destina quase exclusivamente ao autoconsumo e à autoutilização nas próprias explorações. A estimativa de produção do trigo aponta para uma forte redução (-26%), por comparação com o ano anterior.

3.2 *Trás-os-Montes*

Embora a campanha das ceifas dos cereais praganosos tenha ficado concluída em agosto, no início de setembro ainda foi possível observar no campo parcelas com os rolos /fardos de palha, que foram sendo recolhidos ao longo do mês.

Como referido no Boletim de agosto, estamos perante uma campanha com produtividades e produções inferiores ao ano anterior, assegurando contudo as reservas de palha para o período do inverno (ainda que em menor volume). A qualidade e o tamanho do grão são menores, comparativamente à campanha anterior, assim como as reservas feitas pelos produtores nas diferentes explorações.

É possível observar no horizonte que, em alguns locais, os trabalhos de preparação e mobilização dos solos para as sementeiras dos cereais de outono/inverno já tiveram início. Noutros, os produtores aguardam a melhoria das condições edafoclimáticas (nomeadamente alguma precipitação), pois de momento os solos estão secos e duros, dificultando a sua mobilização.

Os preços de venda do cereal e da palha são pouco apelativos o que, aliado aos elevados custos dos fatores de produção – particularmente dos fertilizantes, do combustível e da mão de obra – reduz a rentabilidade destas culturas. Consequentemente, prevê-se uma diminuição da área cultivada na próxima campanha.

Segundo declarações dos produtores da **Terra Fria**, o principal objetivo das áreas semeadas é suprir as necessidades dos efetivos pecuários. São precisamente esses produtores pecuários que semeiam a maior parte da área de culturas cerealíferas, sendo a variedade mais semeada o centeio.

Os comerciantes locais declaram que a procura pelas adubações de fundo é praticamente nula e que o volume de venda desses fertilizantes é baixo, tal como em igual período do ano anterior.

4 Milho grão de Sequeiro | Regadio

4.1 Entre Douro e Minho

As culturas arvenses continuam a refletir os efeitos das condições meteorológicas verificadas durante o verão.

Nos milhos de regadio, parcelas com adequada disponibilidade de água e solos mais ricos em matéria orgânica, apresentaram bom desenvolvimento vegetativo e formação regular das espigas. A persistência de temperaturas elevadas e reduzida precipitação, que se regista desde o início do verão, continua a condicionar negativamente o desenvolvimento dos milhos, limitando o crescimento das plantas e o enchimento das espigas. Contudo, as chuvas da última semana de agosto e do dia 08 de setembro moderaram este efeito negativo, não tendo sido suficiente em terrenos mais ligeiros para a normal formação da espiga.

No geral, estimamos uma ligeira diminuição (-3%) da produtividade do milho para grão de regadio, por comparação com o verificado no ano passado.



Figura 27. Milho com a 'carocha' (ou 'bandeira') cortada para alimentação animal, Carreço – Viana do Castelo, zona de observação do Lima

Foto por: Sandra Coelho

Nos milhos de sequeiro, os efeitos do défice hídrico registado durante o verão mantêm-se evidentes. Em diversas parcelas observam-se espigas pequenas ou deficientemente formadas e, em algumas situações, mesmo a ausência de espiga, pelo que a estimativa é de uma diminuição (-2%) da produção de milho para grão de sequeiro, por comparação como ano transato. Não temos informação de desvios de área de grão para silagem.



Figura 28. Secagem de milho na eira, 21.09.2026, Mancelos – Amarante, zona de observação do Sousa

Foto por: Joaquim Moreira

4.2 Trás-os-Montes

No **Planalto Mirandês** o milho de sequeiro apresenta um desenvolvimento vegetativo mais lento e a folha a começar a enrolar, em certos locais. Noutros locais apresenta um desenvolvimento razoável, que nem parece refletir a época seca que se atravessa.



Figura 29. Parcela de milho em nítido stress hídrico, 14.09.2026, Azinhoso – Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins



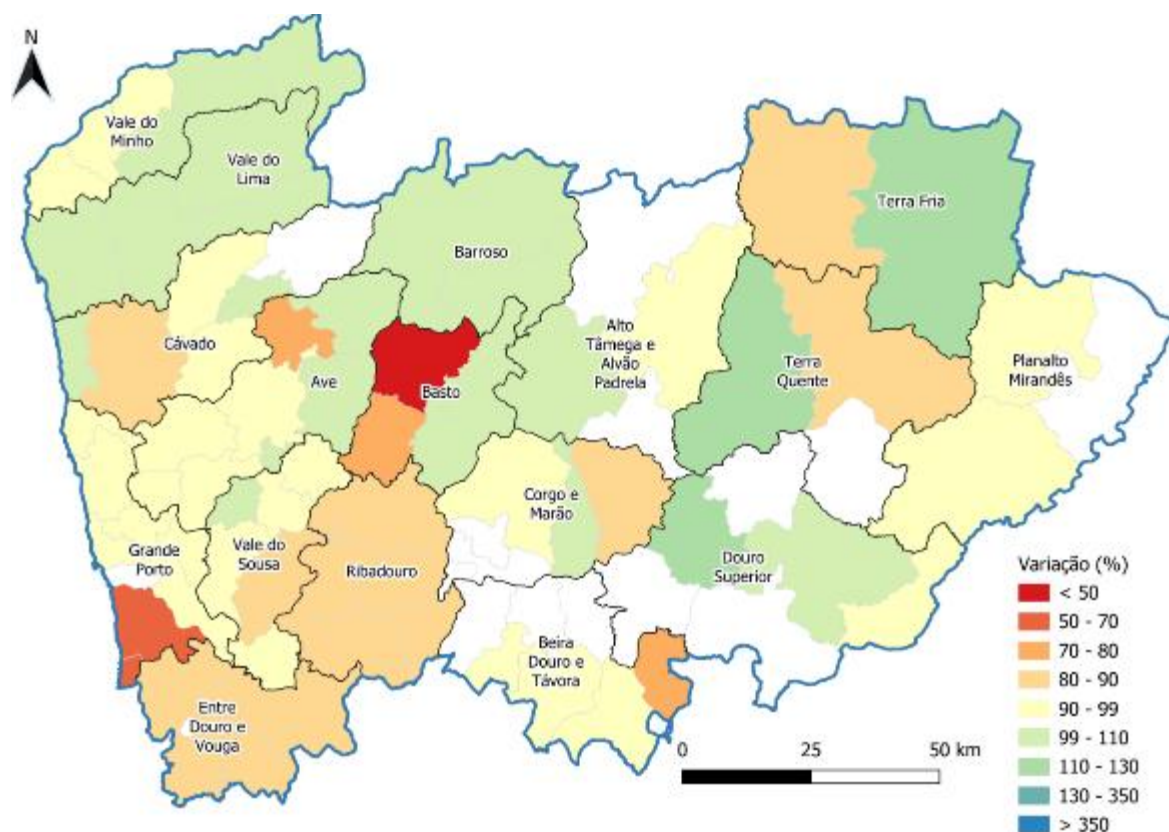
Figura 30. Parcela de milho em estado aceitável, 14.09.2026, Vila de Ala – Mogadouro

Na **Terra Fria** o milho de sequeiro é frequentemente pastoreado, estando neste momento a ser disponibilizado aos efetivos pecuários. Esta cultura apresenta um porte pequeno e a sua germinação foi comprometida pelo calor excessivo que se fez sentir, prevendo-se produtividades inferiores. Nesta área de observação a produção é essencialmente para a alimentação animal.



Também o milho de regadio foi comprometido pela temperatura elevada durante dias consecutivos e pela escassez de água durante o período do verão, uma vez que não ocorreu precipitação, tornando-se menos produtivo. Os produtores declaram ter colhido menos milho que no ano anterior, estando neste momento a terminar a secagem, para depois descarregar.

Figura 31 Cultura do milho em regime de sequeiro, já pastoreado, Deilão - Bragança
Foto por: Anabela Coimbra



Mapa 1 – Evolução da produtividade de milho grão de regadio por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2021-2025

5 Leguminosas secas – Grão-de-Bico e Feijão

5.1 *Entre Douro e Minho*

As temperaturas elevadas e a limitação de água para rega prejudicaram a produção do feijão, que se estima ser inferior à verificada no ano passado (-4%). No entanto, estas mesmas condições foram boas para a maturação e secagem do feijão, que nesta altura já se encontra armazenado. O calibre do feijão foi maior que nas sementeiras efetuadas no cedo, por comparação com as sementeiras mais serôdias.

6 Batata | Hortas familiares

6.1 *Entre Douro e Minho*

Campanha globalmente positiva para a cultura da batata. A colheita decorreu em boas condições, com produção superior à da campanha anterior (+4%), com obtenção de tubérculos de boa qualidade comercial e bom estado sanitário.

Continuam as perdas devido à batata infestada com Traça (*Phthorimaea operculella*) em armazém – batata depreciada, sem valor comercial, que se destina exclusivamente ao autoconsumo ou alimentação animal.

Na pós-colheita, em armazenamento doméstico, continua a dificuldade no controlo do abrolhamento e da Traça, devido à falta de soluções eficazes.

6.2 *Trás-os-Montes*

No **Planalto Mirandês**, a colheita da batata de regadio está praticamente terminada, sobrando poucos casos que, propositadamente, plantaram mais tarde com a intenção de colher mais, visto que os outonos cada vez mais amenos o permitem, sem risco de os tubérculos serem “queimados” pelas primeiras geadas, comuns noutros tempos.

Nos casos observados, onde houve disponibilidade de água para rega, os rendimentos foram bons. Registou-se uma pequena incidência da Lagarta-Rosca (*Agrotis ipsilon*), mencionada no Boletim de julho, devido ao calor sentido nos meses de verão, favoráveis ao desenvolvimento deste inseto.

Comparativamente a 2025, as produtividades mantiveram-se estáveis no regime de regadio, assim como estável se manteve a produtividade nos pequenos batatais familiares em regime de sequeiro.

Nas hortas em geral, o tomate, pimento, feijão-verde, abóboras e outras culturas apresentam um bom nível de produção e desenvolvimento vegetativo, tendo sido pouco afetadas pelos picos de calor de agosto. Esse desenvolvimento deve-se essencialmente à rega através de poços, cujos níveis começam a manifestar sinais de decréscimo, apesar de ainda se observar reposição após o uso (o que é notável dada a conjuntura de seca atravessada).

O estado de desenvolvimento vegetativo da abóbora de sequeiro é aceitável, demonstrando nos casos observados grande resistência ao stress hídrico e térmico, inclusive em solos arenosos (fotos 32 e 33). Os frutos registam um bom vingamento e nula incidência de doenças fúngicas, resultado do clima seco e quente.



Figuras 32 e 33. Parcela com abóboras de sequeiro, 15.09.2026, Sendim – Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins

Na **Terra Fria** os produtores priorizaram a rega da batata de regadio, que já foi colhida nas parcelas localizadas em cotas mais baixas. Nas cotas mais elevadas prevê-se que essa colheita se inicie no início de outubro.

À semelhança do que aconteceu com a batata de sequeiro, também a batata de regadio apresenta boa qualidade, com calibre e quantidades superiores aos do ano anterior. Segundo declarações dos produtores, a produção total assume valores cerca de 10% superiores aos da última campanha.

Relativamente às culturas hortícolas de sequeiro, as temperaturas elevadas e o ar muito quente e seco durante dias consecutivos do mês de setembro, conduziu à perda do vigor vegetativo das plantas e à sua entrada em stress hídrico.

Culturas como a abóbora ficaram comprometidas, com as folhas queimadas pelo sol e os frutos secos (ver foto 34), registando-se menor número de abóboras e de calibre muito pequeno.



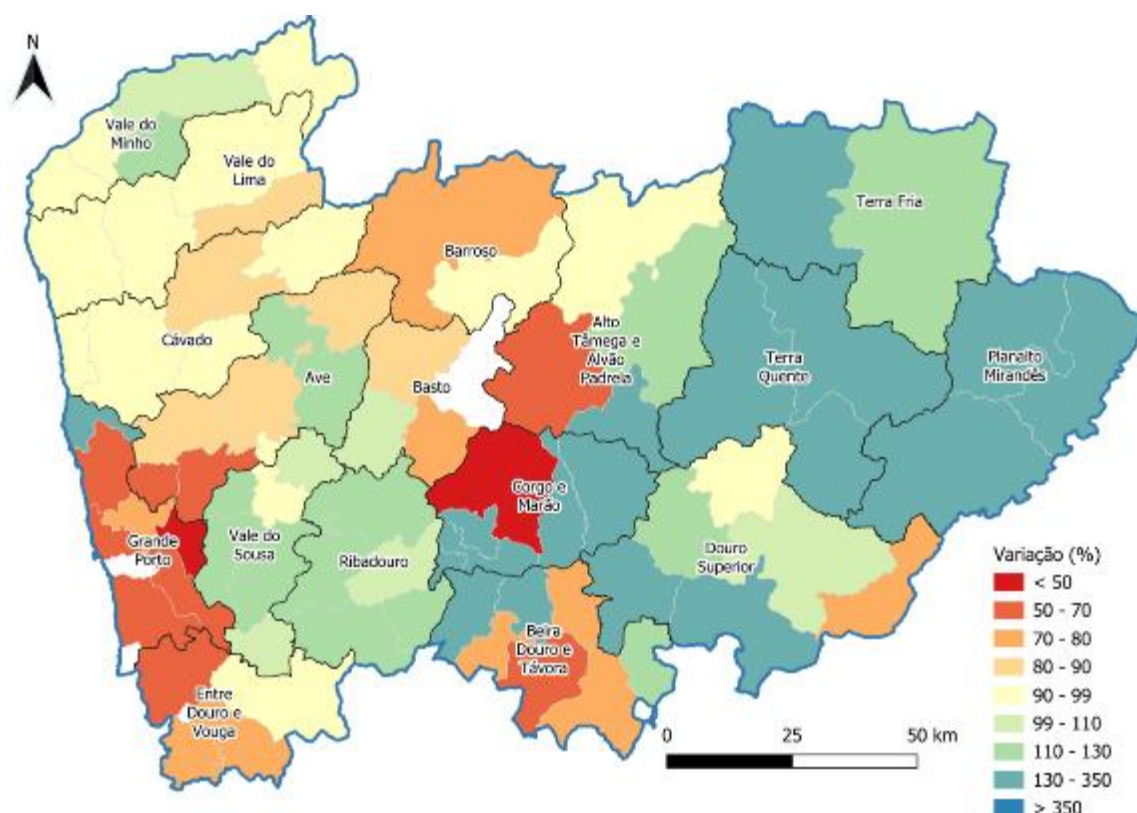
Figura 34. Cultura de abóbora, em regime de sequeiro, Gostei - Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 35. Porcos em regime extensivo a serem alimentados com abóbora, Paçó - Vinhais

Prevê-se que este ano, tal como no anterior, as produtividades sejam menores. Esta cultura é realizada com um interesse forrageiro, para alimentação do efetivo suíno das explorações.



7 Fruticultura

7.1 Entre Douro e Minho

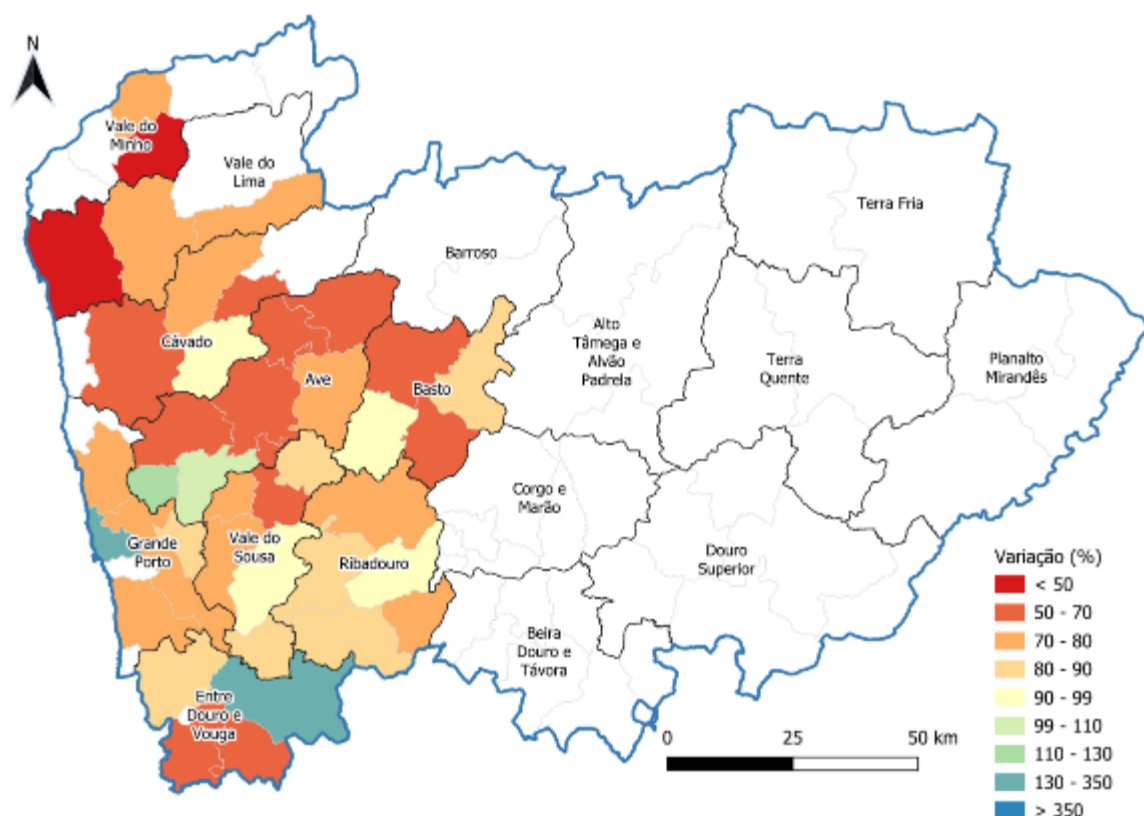
Actinídeas (Kiwi)

As condições agrometeorológicas registadas nas últimas semanas têm sido globalmente favoráveis ao desenvolvimento vegetativo e reprodutivo da cultura do kiwi, com os frutos a apresentar uma evolução adequada, em termos de calibre. A reduzida humidade atmosférica e a ausência de precipitação contribuíram para uma baixa pressão de doenças criptogâmicas e para uma gestão mais eficaz das principais pragas da cultura. No entanto, os episódios de temperatura elevada levaram à ocorrência de algum escaldão solar nos frutos mais expostos, com potencial impacto na sua qualidade comercial. Estima-se uma campanha com boa produtividade (+18%), por comparação com o ano passado, embora ainda muito longe da média do quinquénio.



Figura 36. Pomar de kiwi da variedade 'Érica', Valença, zona de observação do Minho

Foto por: Aurora Alves



Mapa 3 – Evolução da produtividade do kiwi por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2021-2025

Castanheiros, Nogueiras



Figura 37. Plantação de castanheiros em crescimento, Cornes – Vila Nova de Cerveira, zona de observação do Minho
Foto por: Aurora Alves

Na zona de observação do **Minho**, a cultura do castanheiro continua a aumentar gradualmente de área nos concelhos do Vale do Minho. Uma parte importante das novas plantações encontra-se ainda em fase de crescimento, pelo que o seu contributo para a produção regional permanece reduzido. Por oposição, na zona de observação do Entre Douro e Vouga encontramos os pequenos soutos regionais em declínio, devido a problemas sanitários de âmbito nacional, como a Vespa da Galha dos Castanheiros (*Dryocosmus kuriphilus*), o Cancro (*Cryphonectria parasitica*) e mais recentemente a Podridão da Castanha (*Gnomoniopsis smithogilvyi*), esta última ainda desconhecida dos produtores locais.

As largadas no **Entre Douro e Vouga** do parasitóide *Torymus sinensis*, inseto auxiliar usado no combate biológico à Vespa das Galhas, permitiram reduzir a intensidade da praga, com impacto diferenciado no concelho de Arouca, onde esta provocou perda de rendimento dos pequenos agricultores. De notar que os soutos se revelaram a ocupação cultural encontrada por muitos proprietários (não agricultores) para evitar o abandono da terra, obtendo assim um rendimento suplementar.

Nesta campanha as fases de floração e frutificação foram muito abundantes, com os castanheiros a ficarem carregados de ouriços. Devido à seca, estes ouriços ficaram muito pequenos e, no topo dos castanheiros (onde a incidência de radiação é superior) estão castanhos, acabando por cair já secos e dificultando a operação manual de abertura e extração da castanha.

Em termos sanitários, algumas variedades de castanha estão atacadas pela Podridão da Castanha e outras apresentam-se com ataques de Bichado (*Cydia splendana*).

O ciclo vegetativo está adiantado e, na zona de observação de **Sousa e Ribadouro** já decorreu a colheita das variedades temporãs de castanha ('Bouche de Bétizac'). As temperaturas muito elevadas dificultam o escoamento da castanha temporã, já que é um fruto associado ao frio e à época de outono-inverno.

No Entre Douro e Minho estima-se uma diminuição da produtividade da castanha (-3%), por comparação com o ano passado. Nos soutos de regadio a produtividade é superior, mas ficará aquém da produção de um ano normal.

Em relação à nogueira, a quantidade de frutos nas árvores é ligeiramente inferior ao ano anterior, que foi um bom ano de produção, prevendo-se contudo, uma produtividade igual à do ano passado. Os pomares de pequena dimensão e não profissionalizados não têm rega instalada e, em alguns deles, a adversidade das condições meteorológicas provocou a desidratação das folhas, que ficaram outonais e começaram a cair, assim como os frutos (mesmo em solos profundos que garantem mais humidade).

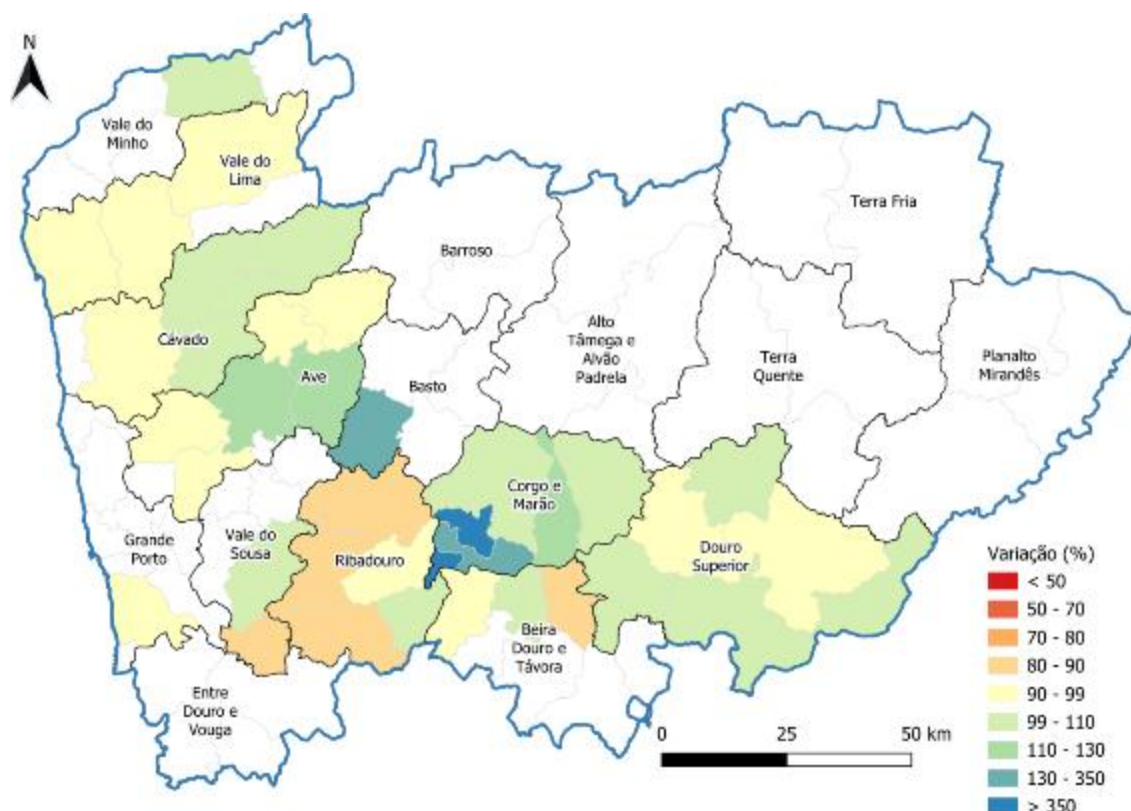
Menos problemas sanitários, com quase nenhuma incidência de Bacteriose (*Xanthomonas campestris* pv. *juglandis*) e ataques da Mosca da Casca Verde da Noz (*Rhagoletis completa*).

No final da colheita será possível avaliar melhor a variação.

A estimativa de produção de amêndoa é que seja igual à do ano transato.

Citricos

Prevê-se uma produção igual à do ano passado, com bom desenvolvimento vegetativo, razoável floração e bom vingamento nas laranjeiras e clementinas.



Mapa 4 – Evolução da produção de laranja por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2021-2025

Figueiras

Em relação ao figo, a produção de figos vindimos foi muito afetada pela seca, ficando o fruto pequenino e desidratado, sem valor comercial.

A quebra de produtividade desta “camada” veio afetar a produção, que se prevê ser ligeiramente superior (+1%), relativamente à verificada na campanha anterior.

A precipitação contribui para o fraco poder de conservação.

Mirtilos

Decorre a colheita da variedade tardia de mirtilo na região ('Centra blue'). Esta variedade constitui uma janela de oportunidade, quando já não há produção de mirtilo no mercado.

Pessegueiros

A estimativa aponta para um aumento considerável da produção de pêssago (+23%), por comparação com o verificado no último ano.

Pomóideas



Figuras 38 e 39. Maçãs da variedade 'Porta da Loja', Vila Verde, zona de observação do Cávado

Fotos por: Maria Laura

As macieiras, pereiras e marmeleiros apresentam boas produções, com frutos de boa qualidade e ligeira antecipação da data de colheita. Estima-se um aumento da produção de pomóideas (+9% maçã, +5% pera), por comparação com o ano anterior.

7.2 Trás-os-Montes

Amendoeiras, Avelãs, Castanheiros, Nogueiras

No **Planalto Mirandês**, a campanha de colheita da amêndoa encontra-se na fase final de secagem ou concluída nas zonas mais precoces e com variedades mais temporãs. O estado vegetativo manteve-se razoável a bom, embora o stress hídrico estival tenha provocado não só alguma desidratação, como uma queda precoce pontual nas variedades mais sensíveis, em regime de sequeiro.

O miolo apresenta calibres médios, por vezes baixos no regime de sequeiro, mas a qualidade sanitária e comercial é boa. Segundo declarações de alguns produtores, observa-se um ligeiro aumento de produtividade face a 2025, inclusive nos pomares de sequeiro.



Figura 40. Parcela de jovem amendoal, com boa produtividade, 14.09.2026, Vilariça
Fotos por: Miguel Martins



Figura 41. Variedade 'Marinada', conhecida por ser um pouco mais tardia, 14.09.2026, Vilariça



Figura 42. Parcela de jovem amendoal, 14.09.2026, Castelo Branco – Mogadouro
Fotos por: Miguel Martins



Figura 43. Aspeto do fruto, 17.09.2026, Castelo Branco – Mogadouro



Figura 44. Colheita mecanizada com chapéu “apara-frutos”, 17.09.2026, Castelo Branco - Mogadouro
Foto por: Miguel Martins

No **Douro Sul**, e à semelhança de anos anteriores, a produtividade de amêndoa varia um pouco com a localização dos pomares e com as variedades existentes. Trata-se de uma cultura irregular e muito dependente do fator “safra-contra safra”, em que a anos de boa produção se seguem anos mais fracos. Alguns dos produtores referem que terão produções muito superiores às do ano anterior (em mais de 50%) e outros lamentam-se, pois este ano nem compensará a colheita.

Em termos de qualidade, o grão está graúdo, bem seco e sem registo de ocorrências fitossanitárias. As condições meteorológicas durante a fase de colheita, que decorreu nos meses de agosto e setembro, favoreceram não só a realização dos trabalhos de apanha, secagem e armazenamento, como também o descasque mecânico e a britagem da amêndoa (remoção da casca verde e da casca dura, respetivamente).

Globalmente, estima-se um aumento na ordem dos 10%, face à campanha de 2025.

Na **Terra Fria** a campanha de apanha da amêndoa terminou sem percalços e neste momento os produtores estão a terminar a secagem e o ensaque. No geral o calibre da amêndoa é superior e estamos perante uma campanha mais produtiva em cerca de 10% no concelho de Vinhais e 5% no concelho de Bragança, comparativamente ao ano anterior.

A colheita da amêndoa na **Terra Quente** decorreu durante o mês de setembro, com grande parte dos produtores a recorrer à apanha e descasque mecânico do fruto, face às grandes quantidades produzidas nesta sub-região, onde as explorações são de grande dimensão, aproveitando a orografia do território e com plantas bem adaptadas às condições do clima.



Figuras 45 e 46. Processo de apanha mecânica da amêndoa

Fotos por: Paulo Guedes



Figuras 47 e 48. Processo de descasque mecânico da casca exterior da amêndoa

Fotos por: Paulo Guedes

A imagem ao lado evidencia uma prática cada vez mais comum na fileira agroindustrial da amêndoa, observando-se diversos *big bag* acondicionados junto à exploração agrícola, aguardando recolha e transporte para a unidade de transformação. Este sistema facilita as operações logísticas, reduz os custos de movimentação e assegura uma maior eficiência no escoamento da produção.



A figura anterior ilustra uma fase intermédia da cadeia de valor agrícola, em que a produção já colhida se encontra devidamente acondicionada e preparada para expedição, evidenciando a integração entre a exploração agrícola e a indústria de transformação responsável pelo aproveitamento e valorização do produto.

O acondicionamento em *big bag* constitui uma solução adequada para o armazenamento temporário dos produtos agrícolas à porta do produtor, permitindo concentrar maiores quantidades de matéria-prima num único ponto de recolha e otimizar o transporte para as unidades de transformação. Este método contribui igualmente para reduzir o número de deslocações e melhorar a organização durante os períodos de maior intensidade da colheita.

A paisagem agrícola de Trás-os-Montes tem vindo a sofrer uma transformação significativa, marcada pela instalação de novas e extensas áreas de amendoal. Embora estas áreas possam ser consideradas de dimensão moderada noutras regiões agrícolas do país, assumem uma expressão particularmente relevante na realidade fundiária transmontana, caracterizada tradicionalmente por uma forte fragmentação da propriedade e pela existência de parcelas de reduzida dimensão.

O crescente interesse de investidores oriundos de outras regiões do país evidencia o reconhecimento do elevado potencial agrícola do território transmontano para a produção de amêndoa de qualidade. As condições edafoclimáticas da região, nomeadamente a elevada insolação, os verões quentes e secos e a reduzida pressão de algumas doenças, proporcionam um ambiente favorável à obtenção de produções de elevado valor comercial.

A instalação destes pomares implica, contudo, investimentos iniciais muito elevados. Grande parte das áreas selecionadas corresponde a antigos terrenos de matos ou zonas florestais, localizados em encostas de forte declive, exigindo operações complexas de mobilização do terreno e construção de patamares para permitir a mecanização das operações culturais e a futura exploração agrícola. Estas intervenções representam custos significativos, mas são encaradas pelos promotores como um investimento estratégico de longo prazo.

A foto 49 ilustra bem essa realidade, observando-se uma vasta área recentemente preparada para a instalação de amendoal, onde a modelação do relevo através da construção de patamares, permitiu adaptar um terreno originalmente difícil, à prática de uma agricultura moderna e modernizada. Este tipo de investimento constitui um sinal claro da atratividade crescente da região para projetos agrícolas de maior dimensão e contribui para a valorização económica de áreas anteriormente subaproveitadas.



Figura 49. Parcelas preparadas para a plantação de amendoal

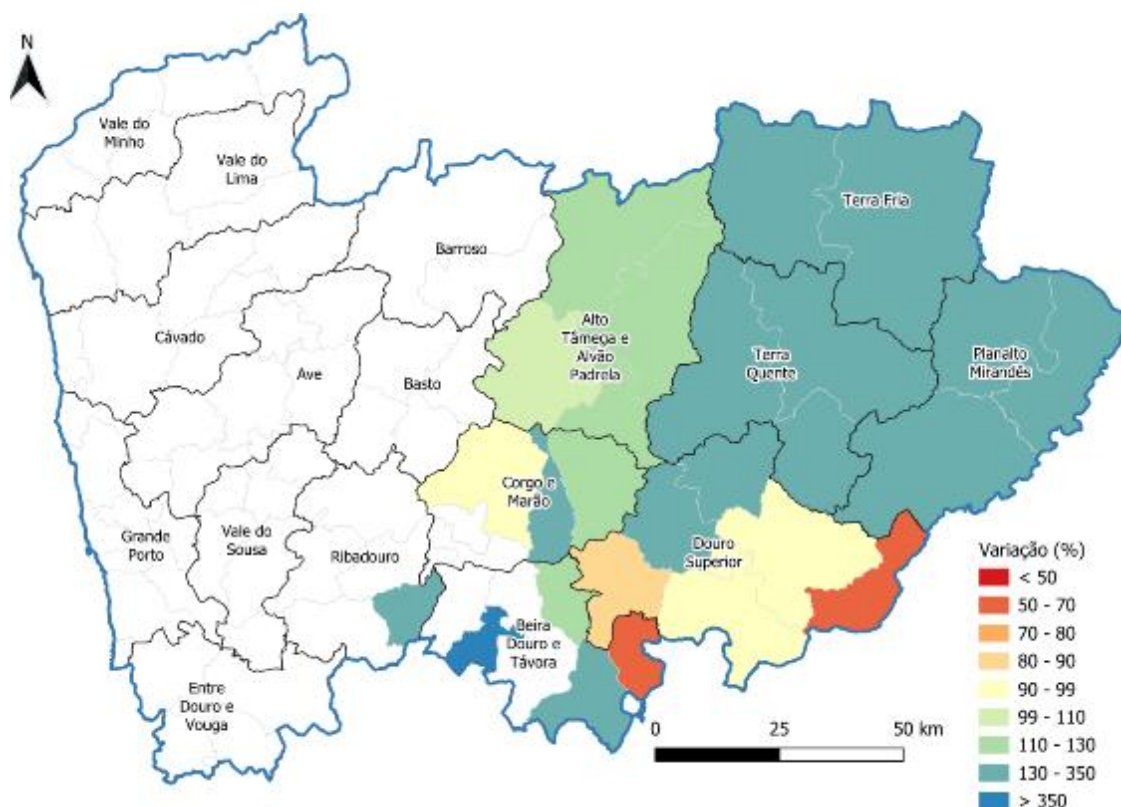
Foto por: Paulo Guedes



Figura 50. Jovem amendoal na Terra Quente

Foto por: Paulo Guedes

A expansão do amendoal em Trás-os-Montes representa assim uma importante dinâmica de modernização do setor agrícola regional, promovendo a criação de novas explorações produtivas, o aproveitamento de solos anteriormente ocupados por matos e a produção de amêndoa de elevada qualidade, reforçando o papel da região como uma das principais zonas produtoras deste fruto seco em Portugal.



Mapa 5 – Evolução da produção da amêndoa por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2021-2025

A produção de avelã está em expansão na **Terra Fria**, tendo as aveleiras terminado o seu ciclo vegetativo no início deste mês. No final do mês os frutos destacaram-se do pedúnculo com muita facilidade devido ao calor e os produtores deram início à colheita, com a campanha a decorrer sem percalços e com conclusão prevista para o final do mês.



Figura 51. Aspeto de um pomar de avelãs em regime de sequeiro, Vinhais



Figura 52. Aspeto das avelãs, Vinhais

Fotos por: Anabela Coimbra

Observam-se pomares onde o fruto já foi colhido e outros onde o fruto ainda está caído sob o solo. Os produtores declaram ter menor produtividade, em cerca de 5%, com os frutos a apresentar calibres inferiores, quando comparados com a campanha anterior. O verão extremamente quente e seco e a ausência de precipitação poderão ter sido as variáveis que condicionaram o crescimento destes frutos secos.

O desenvolvimento vegetativo dos castanheiros no **Planalto Mirandês** tem sido marcado pelas altas temperaturas e períodos de seca estival. Em anos muito quentes, as árvores sofrem de stress hídrico, o que pode limitar o calibre da castanha. Nos soutos observados, situados em altitude, as noites mais amenas e frescas representam um certo alívio para estas culturas.

Se o calor estival pode ser sinónimo de frutos mais miúdos, como se receia que venha a acontecer, pode significar também a diminuição ou isenção de ataques de fungos. Para já, as pragas aparentam estar controladas, não se verificando ou ouvido falar de ataques.

Em alguns soutos os solos foram mobilizados (com os inconvenientes associados não só à desidratação, mas também à propagação de fungos de solo como a Tinta do Castanheiro), de forma a aguardar as primeiras chuvas de outono e a garantir condições para a apanha da castanha, quer pelo método tradicional, quer pelo método mecânico.

Em termos gerais, os soutos observados encontram-se estáveis e os ouriços apresentam um desenvolvimento razoável, mas dependentes da meteorologia nas próximas semanas, nomeadamente das chuvas previstas, para ajudar a encher a castanha antes da apanha.



Figura 53. “Campo de ensaios” onde é visível a aplicação de calda bordalesa aplicada nos troncos com a característica cor azul, 14.09.2026, Bruçó – Mogadouro

Foto por: Miguel Martins



Figuras 54 e 55. Jovem souto com solo mobilizado e pormenor dos ouriços, 14.09.2026, Bruçó - Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins

No **Douro Sul** os castanheiros estão particularmente bem desenvolvidos e apresentam grande quantidade de ouriços por árvore. Durante o verão, as condições de temperatura elevada colocaram as árvores em stress hídrico, aliviado em certa medida por episódios pontuais de alguma precipitação, ocorridos no início do mês de setembro, que deixaram os produtores um pouco mais animados com as perspetivas de produção.

Em termos sanitários, regista-se a presença de Vespa-das-Galhas dos Castanheiros (*Dryocosmus kuriphilus*) nalguns soutos e de Cancro (*Cryphonectria parasitica*) e Tinta (*Phytophthora* spp.) em outros, pragas persistentes e cujo controlo não se realiza em apenas uma campanha.



Figura 56. Castanheiro em regime de regadio, 24.09.2026, Armamar

Fotos por: Maria João Sequeira



Figura 57. Galha de *Dryocosmus kuriphilus* em folha de castanheiro, 24.09.2026, Armamar

Face ao bom comportamento das plantas ao longo da campanha, os produtores estão expectantes quanto ao resultado e à produtividade, que se prevê elevada.

Nos concelhos mais quentes e nas cotas mais baixas, desde o início de setembro que começaram a ser colhidas castanhas das variedades híbridas, que chegaram aos consumidores através dos mercados locais. Esses frutos apresentam-se em bom estado sanitário e, apesar de terem calibres pequenos, são de boa qualidade.

A castanha, principal cultura da **Terra Fria**, em particular as suas variedades dominantes, está neste momento na fase de engorda. Na área de observação, a campanha está adiantada cerca de 12 a 15 dias, comparativamente ao ano anterior e aquilo que é normal.

Na primeira quinzena do mês os castanheiros adultos estavam em stress hídrico, mas com a descida das temperaturas máxima e mínima a partir do dia 22, reuniram-se condições mais favoráveis para esta cultura.

No geral, os produtores de castanha prepararam a superfície do solo dos seus soutos para poderem realizar a colheita. Entre outras operações culturais, ao longo do mês observaram-se tratores a realizar mobilizações, destroçar ou a passar rolos. A diversidade das operações culturais depende inteiramente da forma de apanha da castanha usada em cada exploração.



Figuras 58 e 59. Aspeto da castanha e do castanheiro, variedade híbrida 'Bouche de Bétizac', Vinhais
Fotos por: Anabela Coimbra

Nas variedades temporãs já se observam alguns ouriços caídos no solo que, quando abertos, revelam três frutos formados – normalmente duas são frutos viáveis e uma é refugo. Por vezes a terceira é inviável e na gíria transmontana toma o nome de “folegra” (castanha choca ou sem polpa). Comparativamente ao ano anterior, nesta campanha as variedades temporãs têm calibres inferiores e os frutos apresentam-se ligeiramente desidratados e com um tom amarelado depois de aberto.

A fileira da castanha nesta sub-região está fortemente ameaçada em todos os setores, desde a produção até ao consumidor final. Os inúmeros problemas fitossanitários nos castanheiros e o impacto das alterações climáticas são uma realidade cada vez mais evidente, com consequências significativas e muito negativas na produtividade das plantas e nas explorações agrícolas.

O verão extremamente quente e seco durante dias consecutivos afetou a cultura do castanheiro. Para além disso, a ausência de precipitação é um fator determinante e compromete a engorda dos frutos. Se o outono se mantiver quente e sem chuva os frutos vão ficar pequenos e os ouriços acabarão por cair antes da maturação concluída. Caso ocorra precipitação, mas as temperaturas se mantenham amenas, os frutos correm o risco de ter problemas com fungos.

Por outro lado, se o outono se iniciar fresco e passarmos de um tempo demasiado quente para muito frio, os frutos param de crescer, pelo que é muito difícil de prever como irá decorrer a campanha.



Figuras 60 e 61. Aspeto de um souto e de ouriços da variedade 'Judia' em regime de sequeiro, Rebordãos - Bragança
Fotos por: Anabela Coimbra

Segundo declarações dos produtores e agentes comerciais da região, potencialmente estamos perante uma campanha mais produtiva que a do ano anterior. Neste momento as temperaturas ainda são convidativas ao consumo de gelados e bebidas frescas, sem procura pelo alimento de conforto, que se come quentinho nos dias frios e chuvosos do início do outono.

As observações realizadas na **Terra Quente** também permitem perspetivar uma boa campanha de produção de castanha, com os sotos a apresentar um estado de desenvolvimento vegetativo satisfatório e uma carga equilibrada e bem distribuída pelas árvores.

Os castanheiros observados evidenciam um bom vigor vegetativo, copas bem desenvolvidas e reduzidos indícios de problemas fitossanitários, refletindo uma condição globalmente favorável. A quantidade e distribuição dos ouriços revela uma adequada frutificação e indicia um potencial produtivo promissor para esta campanha.

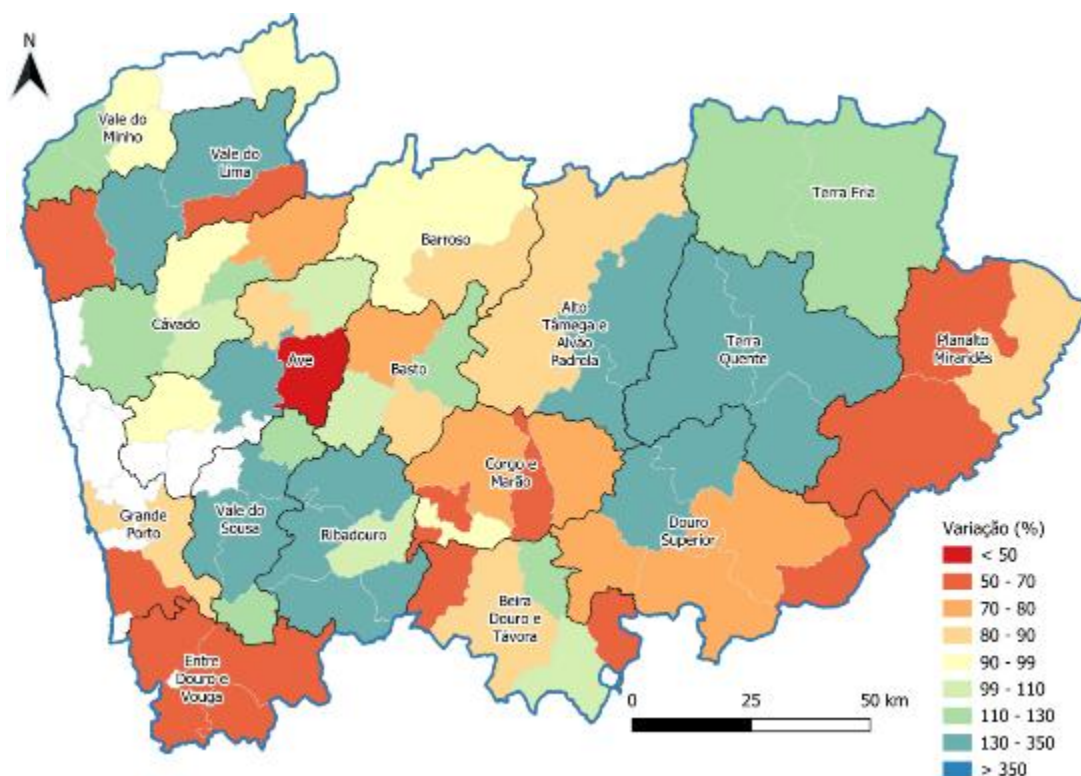
Caso as condições meteorológicas se mantenham favoráveis durante a fase final da maturação e colheita, prevê-se uma campanha positiva, tanto em termos de quantidade produzida, como de qualidade comercial da castanha.

O panorama observado reforça a importância da castanicultura em Trás-os-Montes, onde as condições edafoclimáticas continuam a proporcionar um enquadramento particularmente favorável à produção de castanha de elevada qualidade, constituindo uma das principais atividades agrícolas e económicas de vastas áreas do território.



Figura 62. Castanheiro com boa quantidade de ouriços, Terra Quente

Foto por: Paulo Guedes



Mapa 6 – Evolução da produtividade da castanha por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2021-2025

A cultura da noz está a terminar o seu ciclo vegetativo, com as nogueiras da **Terra Fria** em bom estado, mas apresentando muita folha seca. Aguardam-se os dias mais frescos e as primeiras chuvas de outono, para se reunir as condições ótimas de apanha.



Figuras 63 e 64. Aspeto de um pomar de nogueiras em regime de sequeiro e pormenor das nozes, Quintela - Vinhais
Fotos por: Anabela Coimbra

Os produtores referem que a campanha está adiantada em relação ao ano anterior, devido ao calor que de alguma forma comprometeu a engorda e maturação dos frutos, estimando que a colheita se inicie em outubro.

Os calibres são mais irregulares, dominando os calibres mais baixos, com os frutos a ficar aquém do que é normal para esta área de observação, pelo que se espera uma produtividade ligeiramente inferior à do ano anterior e, consequentemente, menor produção total.

Ameixeiras, Pessequeiros

Na **Terra Quente** registaram-se perdas e prejuízos especialmente elevados nas variedades de pêssigo e nectarina de colheita tardia, cuja permanência na árvore coincidiu com as condições de elevada humidade que favoreceram o desenvolvimento de Moniliose. Verificou-se que, mesmo pequenas lesões ou danos superficiais provocados por contacto entre frutos, manuseamento ou agentes externos, constituíram portas de entrada para a infeção, evoluindo rapidamente para podridões, que se disseminaram por toda a superfície do fruto.

Como consequência, uma porção significativa da produção perdeu qualidade comercial e teve de ser rejeitada durante a colheita e a seleção em armazém. Em muitos casos, a progressão da doença foi extremamente rápida, tornando inviável a comercialização dos frutos afetados e originando perdas económicas avultadas para os produtores.



Figura 65. Plantação de pessegueiros em 27.04.2026, Macedo de Cavaleiros



Figura 66. Evolução da cultura na mesma parcela, 11.09.2026, Macedo de Cavaleiros

Fotos por: Paulo Guedes

A região da Terra Quente reúne condições edafoclimáticas excecionais para a produção de pêssegos de elevada qualidade. As imagens apresentadas ilustram bem esta realidade.

Num intervalo de apenas quatro meses e meio observa-se uma evolução notável da parcela, evidenciando o vigor vegetativo e a excelente adaptação das plantas às condições locais. O rápido desenvolvimento do pomar demonstra que a instalação foi realizada em condições particularmente favoráveis, permitindo um crescimento uniforme e saudável das árvores.

A disponibilidade de água em quantidade suficiente constitui igualmente uma mais-valia decisiva, pois quando associada a uma gestão eficiente da rega permite ultrapassar os períodos de maior exigência hídrica da cultura, contribuindo para a regularidade produtiva e para a obtenção de frutos de elevada qualidade comercial.

As condições agroclimáticas de Trás-os-Montes revelam-se particularmente adequadas para o pessegueiro, com o frio invernal a assegurar o cumprimento das necessidades de repouso vegetativo, enquanto as temperaturas elevadas e a abundância de radiação solar durante a primavera e o verão promovem um crescimento vigoroso das árvores e a maturação ótima dos frutos. Estes fatores traduzem-se frequentemente em produções elevadas e pêssegos com características organoléticas muito apreciadas pelos consumidores.

O exemplo apresentado constitui uma demonstração clara do potencial da região para a produção moderna de pêssegos, com forte valorização económica para os agricultores da região.

Figueiras

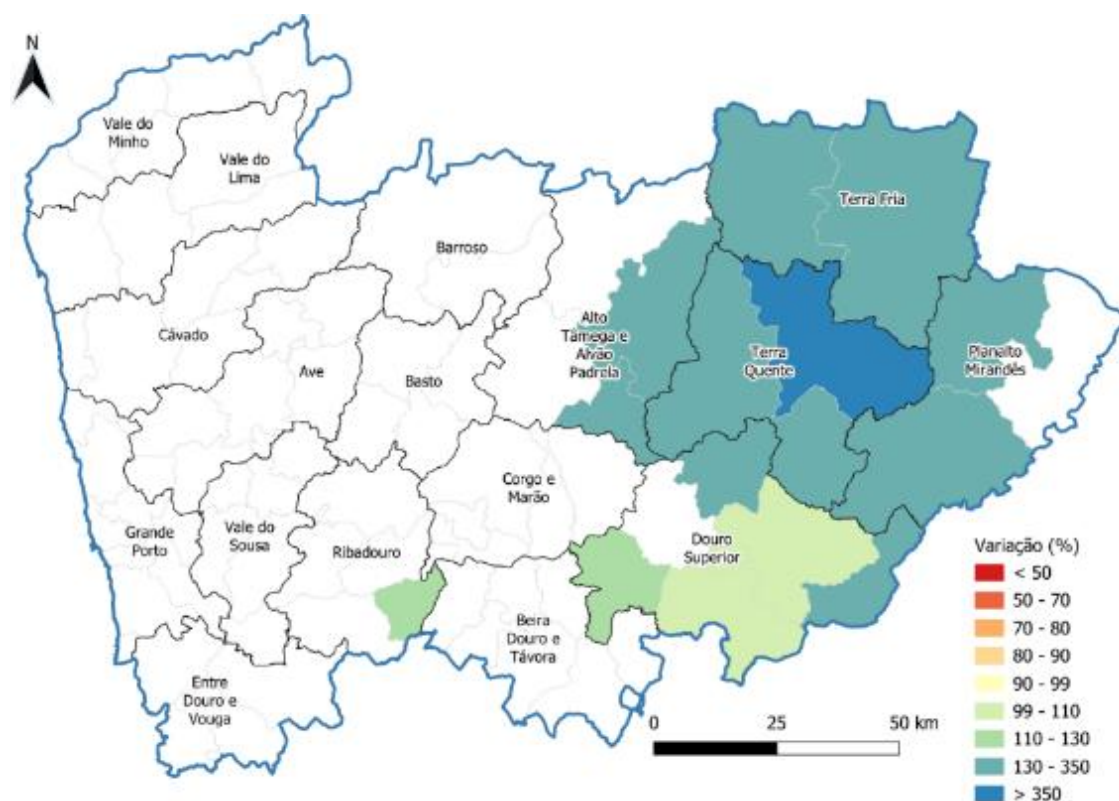
Este ano a abundância de figo foi transversal a toda a região transmontana, onde as figueiras apresentaram uma quantidade de figos bem visível.

Na **Terra Quente** a campanha do figo ficou marcada por uma elevada carga produtiva, resultado da boa capacidade de frutificação das árvores. Contudo, registou-se uma perda de produção significativa devido à impossibilidade ou ausência de colheita atempada dos frutos. Observou-se uma grande quantidade de figos maduros caídos no solo, que não foram colhidos no estado fresco nem posteriormente aproveitados para secagem. Esta situação resultou num desperdício considerável de produto com valor comercial, refletindo as dificuldades associadas à disponibilidade de mão-de-obra, aos custos de colheita e à reduzida capacidade de escoamento em anos de grande produção.



Figura 67. Figo seco caído no solo, por falta de capacidade de realizar a colheita
 Foto por: Paulo Guedes

Este cenário evidencia um contraste frequente nas produções frutícolas tradicionais – em anos de elevada produtividade, nem sempre existe capacidade económica ou operacional para proceder à recolha integral da produção.



Como consequência, uma quantidade significativa de figos acaba por não ser aproveitada, representando uma perda económica para o produtor e uma redução da eficiência produtiva da exploração. A foto 67 ilustra de forma clara esta realidade, observando-se uma extensa cobertura do solo com figos caídos e não recolhidos, testemunhando o desperdício de uma produção que, em condições normais de mercado e disponibilidade de mão-de-obra, poderia ter sido destinada ao consumo em fresco ou à produção de figo seco.

Pomóideas

A principal zona de produção de maçã em Trás-os-Montes centra-se na **Beira Douro e Távora**, onde a colheita teve início em agosto. Resultado das condições meteorológicas sentidas durante o período estival, com temperaturas elevadas, a maturação dos frutos avançou cerca de duas semanas em relação aos anos anteriores. Associado a isso, a quase ausência de precipitação no mês de setembro proporcionou condições excelentes para a colheita dos frutos, que decorreu a bom ritmo e sem percalços a assinalar.

No final do mês de setembro já tinham sido colhidas as variedades 'Royal Gala', 'Red Delicious' e boa parte das 'Bravo de Esmolfe', 'Reineta' e 'Golden Delicious', faltando apenas concluir a maturação das 'Fuji' e 'Pink Lady'.



Figuras 68 e 69. Pomar de macieiras da variedade 'Golden Delicious' prestes a ser colhido e pormenor do calibre dos frutos, 23.09.2026, Armamar

Fotos por: Suzana Fonseca

Apesar de alguns problemas com o Pedrado na fase inicial do ciclo produtivo e de escaldões e carepa associados às temperaturas, os produtores estão bastante satisfeitos com a campanha, com a maçã a atingir bons calibres e boa qualidade, prevendo-se um aumento da produtividade de cerca de 10%.

A disponibilidade de água nesta região, assegurada pela barragem de Temilobos, por furos artesanais, poços e pelo reforço das reservas hídricas decorrente da precipitação registada durante o inverno, garantiu a rega dos pomares ao longo de todo o ciclo produtivo. Esta disponibilidade permitiu que as macieiras suportassem adequadamente as ondas de calor ocorridas durante o verão. Por sua vez, as amplitudes térmicas verificadas entre o dia e a noite na fase final do ciclo favoreceram o desenvolvimento da coloração característica dos grupos 'Gala' e 'Red Delicious', determinante para a sua valorização comercial. Se a esta condição associarmos a elevada firmeza dos frutos, estão reunidos os pressupostos ideais para uma conservação eficaz nas câmaras de frio.



Figura 70. Colheita de maçã, variedade 'Golden Delicious', 23.09.2026, Britiande - Lamego
Foto por: Maria João Sequeira

Em situação diferente encontram-se os pomares da **Terra Quente**, onde a utilização excessiva, e em períodos de temperatura elevada, de enxofre molhável para combate ao Pedrado, levou à formação de carepa nos frutos. Esta alteração afeta o aspeto externo das maçãs e compromete a sua valorização comercial no mercado de consumo em fresco. Em consequência, grande parte da produção será desclassificada para a indústria de transformação, destino menos exigente no que toca aos requisitos estéticos.

Nessas condições, a maçã é utilizada para produção de sumos, concentrados, purés ou outros produtos transformados, sendo remunerada a preços significativamente inferiores aos praticados para fruta destinada ao consumo em fresco.

A presença generalizada de carepa traduz-se assim numa perda de valor económico para o produtor, uma vez que frutos com boa qualidade interna acabam por ser comercializados em segmentos de mercado menos valorizados. Esta situação é particularmente penalizadora em anos de boa produção.



Figura 71. Maçã com carepa, desvalorizada comercialmente, Terra Quente

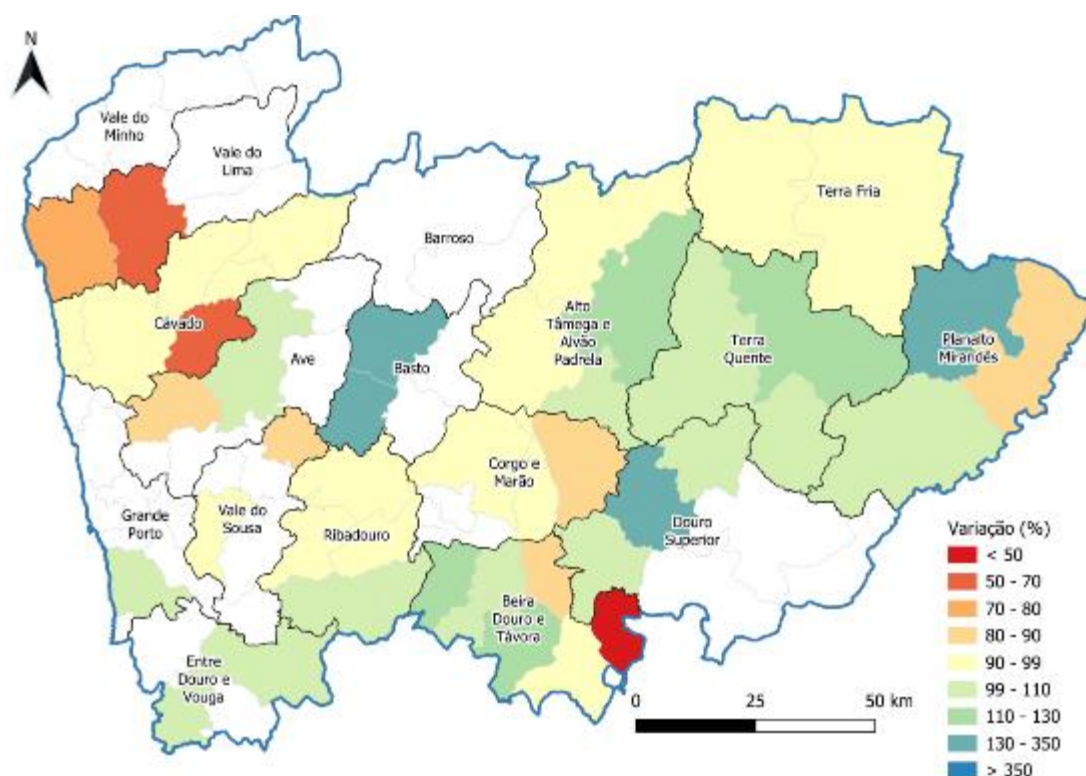
Foto por: Paulo Guedes

No **Planalto Mirandês** também se prevê um ligeiro aumento de produtividade nos jovens pomares de macieiras, que se encontram nas melhores condições fitossanitárias.



Figuras 72 e 73. Pomar de macieiras a providenciar frutos até outubro/novembro, 14.09.2026, Azinhoso - Mogadouro
Fotos por: Miguel Martins

Parece-nos importante assinalar a situação da produção de marmelo nesta campanha. Em toda a região transmontana observa-se uma elevada frutificação dos marmeleiros, com frutos de grande calibre e em boas condições fitossanitárias. Atendendo ao aumento expectável da oferta, perspectiva-se uma redução das cotações de mercado, face às verificadas em campanhas anteriores.



Mapa 8 – Evolução da produtividade de maçã por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2021-2025

8 Vinha

8.1 Entre Douro e Minho



Figura 74. Vindima da casta 'Vinhão', 15.09.2026, Vila Verde, zona de observação do Cávado

Foto por: Maria Laura

Na sub-região do **Alvarinho** as vindimas decorreram desde meados de agosto, ficando concluídas por volta do dia 20 deste mês.

A ocorrência de precipitação no início da vindima provocou uma descida temporária das graduações, mas a evolução posterior das condições meteorológicas permitiu uma recuperação dos teores de açúcar, tendo as graduações finais sido, de um modo geral, muito boas. Apesar da ocorrência de alguma Podridão em parcelas mais sensíveis e da necessidade de maior cuidado durante a colheita, o estado sanitário geral da uva para vinho manteve-se satisfatório.

A produção ultrapassou as expetativas inicialmente apontadas em relatórios anteriores, confirmando-se um aumento significativo (+17,5%), relativamente ao ano anterior. Tal como já vinha sendo observado, este crescimento é particularmente expressivo em Monção, devido à entrada em plena produção de novas vinhas, verificando-se também aumentos de produtividade nos restantes concelhos do agrupamento. Globalmente, a campanha vitícola de 2026 pode ser considerada muito positiva, quer ao nível da quantidade produzida, quer da qualidade da uva entregue nas adegas.



Figuras 75 e 76. Cachos de uva na vindima da casta 'Loureiro', 03.09.2026 (esq.) e da casta 'Vinhão', 15.09.2026 (dir.), Braga, zona de observação do Cávado
Fotos por: Maria Laura

Na restante sub-região do EDM as vindimas encontram-se praticamente concluídas, com a maior parte da área de vinha colhida, terminando até ao final de setembro. As condições meteorológicas registadas nas últimas semanas têm sido, de um modo geral, favoráveis à realização dos trabalhos. A grande dificuldade no recrutamento de mão-de-obra, associada ao aumento dos seus custos, tem conduzido a um recurso cada vez maior à contratação de serviços de vindima mecânica, com menores custos e benefício ao nível da qualidade das uvas colhidas.



Figuras 77 e 78. Cachos de uva da casta 'Vinhão' (esq.) e da casta 'Loureiro' (dir.), Anais – Ponte de Lima, zona de observação do Cávado
Fotos por: Maria Laura



Figura 79. Vinhão no dia da vindima, 14.09.2026, Cabeceiras de Basto, zona de observação de Basto

Foto por: Jerónimo Côrte-Real Santos

A precipitação ocorrida na última semana de agosto contribuiu favoravelmente para a evolução da maturação das uvas, não tendo provocado alterações significativas no seu estado sanitário. Na fase final da vindima apareceu alguma Podridão e escaldão, mas sem grande significado.

Estima-se uma produção significativamente superior (+15%) à registada na última campanha. As uvas apresentam, de um modo geral, bom estado sanitário, bons teores de açúcar e níveis de acidez equilibrados.

Estima-se um aumento de cerca de 10% da produção de uva de mesa, em comparação com o verificado no ano passado.

8.2 Trás-os-Montes

De um modo geral, este ano as vindimas em Trás-os-Montes foram antecipadas em sensivelmente uma a duas semanas, face ao que seria normal para a região. As condições meteorológicas da campanha levaram a que as uvas atingissem a maturação precocemente, concluindo o seu ciclo vegetativo no final de agosto/princípio de setembro.

No **Planalto Mirandês** as vindimas começaram no início de setembro, cerca de uma semana mais cedo que na campanha anterior, sendo o estado sanitário das uvas considerado muito bom – com bons bagos, bons açúcares e boa acidez – e com bom potencial para a produção de vinhos de qualidade e graduação alcoólica elevada. As ondas de calor de julho e agosto provocaram escaldões localizados nos cachos mais expostos, mas sem comprometer a generalidade da produção, isto é, qualidade vs. quantidade.



Figuras 80 a 82. Vindima em Tó-Mogadouro e cachos de uvas tintas em boas condições sanitárias, 15.09.2026, Bemposta (esq.) e Urrós (dir.) – Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins

As estimativas para a produtividade variam entre o previsto pelo IVV (+10 a 15%) e as declarações dos produtores – entre o calor, seca e queda localizada de granizo, o agricultor aponta para uma ligeira descida, enquanto a unidade de processamento de uvas com mais expressão na região registou até ao momento uma quebra na ordem dos 15% na receção de uvas, apesar do número de fornecedores se manter igual.



Figuras 83 e 84. Extremidades opostas de linha de descarga de uvas, 15.09.2026, Adega da Bemposta – Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins

No **Douro Sul** também se verificou uma aceleração da maturação, resultado das temperaturas elevadas que se fizeram sentir no período estival.

Iniciadas no mês de agosto, nas castas brancas e nas zonas mais quentes, as vindimas ficaram praticamente concluídas no decurso do mês de setembro, tendo decorrido sem percalços e nas melhores condições meteorológicas (praticamente sem chuva).

O severo stress hídrico e o choque térmico a que as videiras estiveram sujeitas conduziram a situações de desidratação e escaldão dos cachos, com repercussões a nível quantitativo e qualitativo.

De acordo com os produtores, a produção obtida ficou aquém das expectativas, dado que os cachos apresentavam menor peso ao chegar à adega, o que se refletiu numa menor quantidade de matéria-prima disponível para vinificação. Por outro lado, o excesso de calor pode afetar negativamente a composição e a qualidade das uvas, induzindo alterações nos compostos aromáticos e fenólicos, reduzindo a acidez e a frescura, aumentando o °Brix das uvas e o potencial alcoólico dos vinhos, diminuindo a intensidade corante dos vinhos e comprometendo o equilíbrio global dos produtos finais.

Na Região Demarcada do Douro (RDD), a produtividade aproximou-se daquilo que é normal para a região, ultrapassando as perdas da campanha anterior. Excetuando os casos de desidratação e escaldão, em termos sanitários as uvas encontravam-se em muito boas condições.

Resultado da crise de sobreprodução, stocks acumulados e redução do escoamento que o setor do vinho atravessa e que condiciona o pagamento das uvas aos viticultores, foi criado pelo Governo um apoio excecional a conceder aos produtores da RDD que não disponham de possibilidade de escoamento da sua produção na campanha vitivinícola de 2026-2027 e que deixem as uvas por vindimar. As regras de concessão desse apoio estão descritas na Portaria n.º431/2026/1, de 15 de setembro, publicada no Diário da República n.º179/2026, Série I de 2026-09-15.

A cultura da vinha na **Terra Fria** terminou o seu ciclo vegetativo no início de setembro, também aqui mais cedo que na campanha anterior.

Segundo o responsável da principal unidade de transformação da região, a vindima iniciou a 04 e terminou a 23 de setembro, decorrendo sem percalços. Esta unidade registou cerca de mais 20% de uvas que em 2025, com os cachos a apresentarem-se em bom estado sanitário.

No entanto, algumas uvas provenientes de Rebordelo e Vale das Fontes, em vinhas muito localizadas, foram infetadas com Oídio em datas próximas à vindima, sem que este facto tenha afetado a qualidade do vinho. No campo observam-se cachos com muitos bagos secos (ver foto 86), devido ao excesso de calor durante o verão, com temperaturas altas durante dias consecutivos.

As previsões apontam para maior quantidade de vinho nesta sub-região, com excelente qualidade e com teores alcoólicos de 14° nos tintos e 13° nos brancos. Em relação ao ano anterior, esta campanha terá produtividade e produção total superior.



Figuras 85 a 87. Vindima em vinha em regime de sequeiro e aspeto dos cachos com bagos desidratados, 18.09.2026, Valpaço

- Vinhais

Fotos por: Anabela Coimbra

9 Olival

9.1 *Entre Douro e Minho*

Ao contrário do que acontece em anos de elevada carga produtiva, as estimativas para 2026 apontam para produções reduzidas de azeitona.

Para isso contribuiu o reduzido vingamento dos frutos e a alternância produtiva característica da cultura no **Vale do Minho**. Nos olivais tradicionais da região, a colheita continua frequentemente associada ao desrame das árvores, prática que estimula o crescimento vegetativo no ano seguinte e reduz a capacidade de frutificação.

Assim, após a campanha anterior, verificou-se uma maior produção de vegetação e uma menor formação de flores e frutos. A persistência de condições secas durante o verão agravou esta situação, particularmente nas árvores instaladas em locais mais secos e sem possibilidade de rega, uma vez que, onde a azeitona vingou, é frequente vê-la agora no chão.



Figura 88. Azeitona para azeite, Lara – Monção, zona de observação do Minho
Foto por: Aurora Alves

A variedade ‘Galega’ está no início da maturação, com a ponta da azeitona a ficar preta e a cair. Teme-se que, mesmo com a previsão de chuva, subsista a queda do fruto. A estimativa aponta para uma diminuição da produtividade de azeitona para azeite (-14%), em comparação com o ano passado.

Já foi necessária a realização de tratamentos fitossanitários para controlo da Gafa (*Colletotrichum* spp.), do Olho-de-Pavão (*Spilocaea oleagina*) e da Mosca da Azeitona (*Bactrocera oleae*), sendo que esta última se encontra em pleno voo e realização de posturas. Só alguns produtores fazem estes tratamentos, pois o olival é disperso, com árvores de grande porte na bordadura dos campos.

9.2 Trás-os-Montes

O olival do **Planalto Mirandês** apresenta um bom aspeto no geral e um bom desenvolvimento do fruto. As chuvas de finais de agosto e início de setembro foram muito benéficas para o “enchimento” da azeitona, revertendo a murchidão pontual observada em meados e finais de agosto (ainda visível em alguns locais). Prevê-se um ligeiro aumento de produtividade em comparação com 2025, pois nesta cultura existe alguma tendência para a contrassafra – espera-se que 2026 venha a ser um ano de produção média a alta, antevendo-se uma boa campanha quer para a azeitona de mesa, quer para a azeitona para azeite.



Figuras 89 e 90. Oliveiras numa parcela de olival velho, onde é visível na imagem da esq. algum enrugamento do fruto causado pelo stress hídrico, 14.09.2026, Castelo Branco - Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins



Figuras 91 e 92. Jovem oliveira com boa produtividade para o seu porte e pormenor das azeitonas, aparentemente pouco afetadas pela seca, 14.09.2026, Vilarinho dos Galegos - Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins

A informação recolhida acerca dos olivais do **Douro Sul** indica que se trata de um bom ano para a produção de azeite e azeitona de mesa. As condições meteorológicas no início do ciclo garantiram reservas hídricas elevadas em boa parte da região e um desenvolvimento saudável das plantas. Se a isso associarmos o eficiente vingamento dos frutos, favorecido pela ausência de precipitação, considera-se que estiveram reunidas as condições para uma boa campanha da azeitona, numa região do país onde a cultura é das mais representativas, não só em termos de área, mas também de rendimento para os produtores agrícolas.

As oliveiras resistiram razoavelmente bem às ondas de calor do verão e as azeitonas estão bem desenvolvidas e com calibres interessantes, prevendo-se uma boa campanha.



Figura 93. Oliveira em regime de sequeiro, com boa produção de azeitona, 23.09.2026, Parada do Bispo - Lamego
Fotos por: Suzana Fonseca



Figura 94. Oliveira em regime de sequeiro, com boa produção de azeitona, 23.09.2026, Armamar

A colheita de azeitona de conserva teve início no final do mês de setembro e há registo de alguns produtores que também já começaram a colher azeitona para azeite, ainda verdes ou em início de mudança de cor, com vista à produção de “azeite verde”, muito apreciado em certos destinos, nomeadamente no Japão.

Este “azeite verde” tem aromas mais intensos e frescos, um sabor frutado pronunciado, com notas de amargo e picante e sensação de persistência na boca. O seu teor elevado de compostos fenólicos (antioxidantes naturais) e de substâncias associadas aos benefícios para a saúde faz dele um produto muito procurado em certos nichos de mercado.

As estimativas de produtividade variam bastante com os concelhos em análise, mas prevê-se que os aumentos globais se situem acima dos 10%.

A produção de azeitona na **Terra Fria**, tal como referido no Boletim do mês anterior, continua comprometida, com o excesso de calor a provocar a queda de alguns frutos.

No entanto, o verão quente e seco ajudou a limitar os significativos ataques da Mosca-da-Azeitona, praga que a partir de agora, com a descida das temperaturas e com a humidade matinal, exige um olhar mais atento, pois pode desenvolver-se rapidamente nas zonas mais baixas e de vales.

Verifica-se uma grande heterogeneidade nos olivais, maior nas variedades mais antigas como a 'Santulhana', a 'Madural' e a 'Cordovil'. Neste momento os frutos estão na fase de engorda (ver fotos 95 e 96) e já se observam as oliveiras com os ramos virados para baixo nas extremidades, devido ao peso dos frutos. À data, a quantidade de frutos que se observa é superior à da campanha anterior, com os produtores a declarar que estes poderão vir a sofrer uma maturação antecipada devido ao calor.



Figuras 95 e 96. Aspeto do olival em regime de sequeiro e pormenor da azeitona

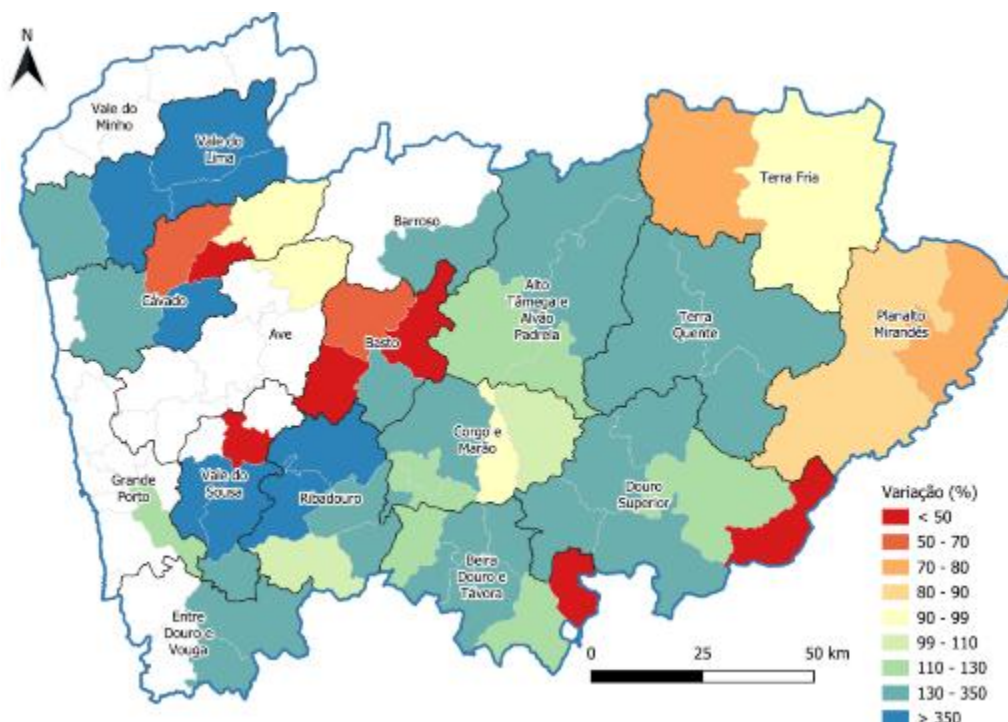
Fotos por: Anabela Coimbra

Na **Terra Quente** o olival apresenta um desenvolvimento vegetativo equilibrado e um bom estado sanitário geral, beneficiando de um sistema de rega que permitiu assegurar uma adequada disponibilidade hídrica ao longo de todo o ciclo cultural. Esta situação contribuiu para um bom enchimento dos frutos, refletido na produção de azeitona com aspeto liso, homogéneo e com elevado peso específico.

A disponibilidade regular de água revelou-se determinante para minimizar os efeitos do stress hídrico estival, promovendo uma adequada acumulação de matéria seca e um correto desenvolvimento dos frutos. Nota-se uma uniformidade da produção e uma carga equilibrada das árvores, indicadores de um olival bem conduzido e com potencial para atingir bons níveis de produtividade.



A azeitona apresenta características físicas muito favoráveis, destacando-se a reduzida incidência de enrugamento, a consistência da polpa e o bom calibre dos frutos. Estas características são habitualmente associadas a melhores rendimentos industriais e constituem indicadores positivos para a obtenção de azeites de elevada qualidade.



Mapa 9 – Evolução da produtividade de azeitona para azeite por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2021-2025

De um modo geral, as condições verificadas apontam para uma campanha promissora, com frutos bem desenvolvidos, bom peso específico e adequado potencial produtivo, perspetivando-se uma matéria-prima de qualidade para a transformação e valorização da produção olivícola.

10 Prados, pastagens e culturas forrageiras

10.1 *Entre Douro e Minho*

As chuvas registadas no último decêndio de agosto e a meados da primeira quinzena de setembro favoreceram a recuperação de prados e pastagens, observando-se já a rebentação da vegetação espontânea e maior disponibilidade de matéria verde para alimentação animal.



Figura 97. Pastagem temporária com bom aspeto vegetativo, Verdoejo – Valença, zona de observação do Minho

Foto por: Aurora Alves

A estimativa aponta para uma ligeira diminuição da produção (-1%) das pastagens permanentes melhoradas e semeadas, por comparação com o ano transato. Apesar desta recuperação, as consequências do período seco de verão continuam a refletir-se na produtividade das culturas forrageiras.



Figura 98. Bovinos em pastoreio, Cunha – Paredes de Coura, zona de observação do Minho

Foto por: Aurora Alves

Os milhos para silagem apresentam, de forma geral, porte inferior ao observado em 2025, estimando-se produções mais baixas (-9%), assim como o sorgo forrageiro, em que se prevê uma diminuição da produção (-5%), por comparação com o ano passado.

Mantém-se o recurso a fenos, silagens e alimentos concentrados, como complemento da alimentação dos efetivos pecuários.



Figuras 99 e 100. Colheita de milho silagem e acondicionamento em silo de terra, Ganfei – Valença, zona de observação do Minho

Fotos por: Aurora Alves

10.2 Trás-os-Montes

Por toda a área de observação do **Planalto Mirandês** é perceptível que estas culturas estão, salvo devidas exceções, totalmente secas e esgotadas, neste final de estação. A precipitação ocorrida na primeira metade de setembro possibilitou uma leve recuperação vegetativa das pastagens naturais e dos prados, no que diz respeito à escassa matéria verde existente.

A disponibilidade alimentar de pasto continua muito limitada. Não obstante o facto de se continuar a apascentar os animais em muitos locais, o atual panorama obriga os criadores de gado bovino, caprino e ovino a recorrer fortemente à suplementação alimentar com palhas e fenos armazenados e com alimentos compostos (rações). À semelhança do que se passa nos cereais, e embora ainda não estejam reunidas as condições edafoclimáticas ideais (a humidade do solo é muito baixa), já foram iniciadas as operações de mobilização dos solos e as sementeiras das primeiras aveias e azevém.

Espera-se que as chuvas fracas ocorridas no final do mês tragam algum alívio às culturas permanentes e venham facilitar a mobilização dos solos, por via da sua reidratação.



Figuras 101 e 102. Parcela de lameiro em 16.09.2025 (esq.) e em 14.06.2026 (dir.), Penas Roias – Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins



Figura 103. Pastagem permanente de regadio que mantém alguma matéria verde, embora em menor quantidade que em igual período do ano anterior, 15.09.2026, Tó – Mogadouro

Foto por: Miguel Martins



Figuras 104 e 105. Parcela semeada com misto de forrageiras, onde após o corte surgiu azevém espontâneo, que de momento se apresenta seco e pobre em nutrientes e proteína, 15.09.2026, Prado Gatão – Miranda do Douro

Fotos por: Miguel Martins

Por toda a área de observação da **Terra Fria**, as pastagens permanentes de regadio (lameiros), em especial as localizadas em zonas de aluvião, ainda apresentam alguma disponibilidade de vegetação herbácea para a prática do pastoreio, com os produtores a recorrer a regas por agueiras ou por aspersão para que se mantenham verdejantes. Contrariamente, os lameiros de sequeiro (ver foto 106) já não oferecem condições para a alimentação animal, pois estão completamente secos, depois de um verão extremamente quente/seco e sem precipitação.



Figura 106. Pastagem permanente de sequeiro, setembro de 2025, Gimonde – Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 107. Pastagem permanente de sequeiro, setembro de 2026, Gimonde – Bragança

MESMA PARCELA, ANOS DIFERENTES

As reservas de forragem, em alimentos grosseiros, estão asseguradas para o período de inverno e os produtores usam as culturas forrageiras de primavera/verão, tais como o milho, o sorgo, as abóboras e os lameiros que ainda disponham de matéria verde, para alimentar o efetivo pecuário, apesar do grande stress hídrico a que estas estiveram sujeitas. Os produtores garantem que nesta área de observação não se verificam constrangimentos ao nível da cadeia de comercialização da carne, que continua a funcionar da melhor forma.



Figura 108. Bovinos mirandeses em pastoreio, Vila Meã – Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 109. Ovinos da raça churra galega bragançana em pastoreio, Vinhais

11 Tabelas com previsões das áreas semeadas, das produtividades e estimativas da produção

Tabela 1. Evolução da produtividade dos cereais praganosos para grão, comparativamente ao ano anterior

Localização	Trigo		Triticale	
	%	†	%	†
Entre Douro e Minho	74	5		
Basto	50	2		
Ribadouro	96	4		
Trás-os-Montes	98	2 188	100	508
A. Tâmega e Alvão P.	98	97	100	11
Barroso	100	5		
Douro Superior	98	41	185	2
Planalto Mirandês	98	1 303	100	288
Terra Fria	103	538	100	158
Terra Quente	85	204	106	49
Região Norte	98	2 194	100	508

Tabela 2. Evolução da produção da batata de regadio, comparativamente ao ano anterior

Localização	Batata-Regadio	
	%	†
Entre Douro e Minho	103	31 793
Ave	105	4 847
Basto	96	2 431
Cávado	100	3 883
Entre Douro e Vouga	106	1 749
Grande Porto	93	3 063
Ribadouro	110	6 855
Vale do Lima	100	2 526
Vale do Minho	100	1 569
Vale do Sousa	110	4 870
Trás-os-Montes	101	63 332
A. Tâmega e Alvão P.	100	15 851
Barroso	100	2 291
Beira Douro e Távora	101	9 523
Corgo e Marão	104	7 142
Douro Superior	97	6 129
Planalto Mirandês	99	5 433
Terra Fria	110	7 701
Terra Quente	100	9 261
Região Norte	102	95 125

Tabela 3. Evolução da área retificada e produtividade de milho grão de regadio e produção de milho grão de sequeiro, comparativamente ao ano anterior

Localização	Área		Produtividade		Produção	
	Milho-Regadio	Grão	Milho-Regadio	Grão	Milho-Sequeiro	Grão
	%	ha	%	Kg/ha	%	t
Entre Douro e Minho	95	11 613	97	5 705	98	4 407
Ave	92	1 975	99	5 346	100	508
Basto	97	738	94	4 070	78	58
Cávado	99	3 222	100	6 635	100	1 837
Entre Douro e Vouga	96	675	90	6 217	86	210
Grande Porto	96	567	100	8 831	100	453
Ribadouro	90	1 055	87	3 971	80	49
Vale do Lima	98	1 432	100	4 019	100	1 045
Vale do Minho	92	540	96	4 899	98	170
Vale do Sousa	95	1 409	90	6 774	80	77
Trás-os-Montes	100	1 140	98	2 875	96	2 217
A. Tâmega e Alvão P.	100	169	100	2 704	93	305
Barroso	100	365	100	3 413	100	430
Beira Douro e Távora	109	71	100	2 903	95	31
Corgo e Marão	94	72	95	2 688	100	34
Douro Superior	86	58	99	2 909	109	84
Planalto Mirandês	97	172	95	2 719	93	810
Terra Fria	116	64	86	2 986	95	405
Terra Quente	100	170	104	2 070	111	120
Região Norte	96	12 753	96	5 447	97	6 624

Tabela 4. Evolução da produção de feijão e grão-de-bico, comparativamente ao ano anterior

Localização	Feijão		Grão-de-Bico	
	%	t	%	t
Entre Douro e Minho	96	236		
Ave	100	42		
Basto	95	11		
Cávado	100	61		
Entre Douro e Vouga	90	24		
Grande Porto	90	17		
Ribadouro	90	17		
Vale do Lima	100	31		
Vale do Minho	100	8		
Vale do Sousa	90	26		
Trás-os-Montes	99	1 580	100	68
A. Tâmega e Alvão P.	100	142	88	2
Barroso	100	2		
Beira Douro e Távora	99	9	98	4
Corgo e Marão	100	14	100	1
Douro Superior	93	200	95	10
Planalto Mirandês	100	421	100	24
Terra Fria	113	57	114	11
Terra Quente	99	735	100	16
Região Norte	99	1 816	100	68

Tabela 5. Evolução da produção de laranja, maçã, pera e pêsego, comparativamente ao ano anterior

Localização	Laranja		Maçã		Pêra		Pêssego	
	%	†	%	†	%	†	%	†
Entre Douro e Minho	100	2 557	105	2 569	109	597	123	212
Ave	100	508	106	267	105	61	104	17
Basto	102	36	105	107	100	57	392	8
Cávado	100	906	104	862	102	111	101	47
Entre Douro e Vouga	100	103	100	142	100	56	100	21
Grande Porto	100	161	100	313	100	70	100	27
Ribadouro	100	442	120	375	129	127	445	29
Vale do Lima	100	248	100	279	100	56	100	44
Vale do Minho	100	68	100	58	100	16	100	6
Vale do Sousa	100	86	106	165	152	42	527	11
Trás-os-Montes	99	2 128	110	165 947	113	4 165	169	2 304
A. Tâmega e Alvão P.	100	12	103	2 222	104	290	123	227
Barroso			100	52	100	10	100	3
Beira Douro e Távora	100	149	110	133 387	105	2 397	110	127
Corgo e Marão	100	399	104	2 907	103	83	107	61
Douro Superior	98	1 473	109	23 315	153	917	196	972
Planalto Mirandês	100	31	101	1 715	98	97	98	59
Terra Fria			100	1 351	100	141	100	19
Terra Quente	100	64	109	998	115	231	195	836
Região Norte	99	4 685	110	168 516	112	4 762	164	2 516

Tabela 6. Evolução da produtividade do kiwi e produção de uva de mesa, comparativamente ao ano anterior

Localização	Kiwi		Uva de Mesa	
	%	Kg/ha	%	†
Entre Douro e Minho	118	11 043	110	74
Ave	110	5 844		
Basto	122	7 349	110	2
Cávado	105	12 567		
Entre Douro e Vouga	120	11 102		
Grande Porto	120	17 390		
Ribadouro	130	7 609	110	62
Vale do Lima	105	8 247		
Vale do Minho	100	12 174		
Vale do Sousa	130	14 181	110	10
Trás-os-Montes	108	6 659	102	241
A. Tâmega e Alvão P.	100	4 303	110	32
Beira Douro e Távora	100	6 650	101	22
Corgo e Marão			104	23
Douro Superior	100	7 650	110	21
Planalto Mirandês			98	115
Terra Fria			105	10
Terra Quente	129	7 941	110	19
Região Norte	118	11 034	104	315

Tabela 7. Evolução da produtividade da avelã, castanha e noz e produção de amêndoa, comparativamente ao ano anterior

Localização	Avelã		Castanha		Noz		Amêndoa	
	%	Kg/ha	%	Kg/ha	%	Kg/ha	%	†
Entre Douro e Minho	98	196	97	615	99	806	100	10
Ave	93	255	96	201	100	769		
Basto	100	543	100	233	100	285		
Cávado	100	847	100	758	100	918		
Entre Douro e Vouga	100	73	60	517	95	1 121		
Grande Porto			60	458	95	385		
Ribadouro	100	84	100	817	100	1 001	100	8
Vale do Lima	100	486	100	712	99	508		
Vale do Minho			107	313	100	712		
Vale do Sousa	100	50	100	451	100	1 033	100	3
Trás-os-Montes	97	335	139	716	98	620	139	19 060
A. Tâmega e Alvão P.	100	163	237	769	100	670	161	1 824
Barroso			100	446	100	725	100	1
Beira Douro e Távora	100	584	134	729	100	573	104	69
Corgo e Marão	100	58	101	445	100	511	100	244
Douro Superior	99	217	126	705	100	516	132	7 507
Planalto Mirandês	98	374	95	539	97	495	106	3 730
Terra Fria	95	634	105	684	97	792	106	767
Terra Quente	100	144	326	910	100	495	207	4 916
Região Norte	97	326	137	712	99	644	139	19 071

Tabela 8. Evolução da produção de uva para vinho (mosto), comparativamente ao ano anterior

Localização	Uva para Vinho (mosto)	
	%	hl
Entre Douro e Minho	115	1 810 713
Ave	119	666 631
Basto	118	222 309
Cávado	105	114 336
Entre Douro e Vouga	96	7 777
Grande Porto	114	32 903
Ribadouro	112	152 019
Vale do Lima	105	159 071
Vale do Minho	117	197 882
Vale do Sousa	112	257 785
Trás-os-Montes	114	1 103 853
A. Tâmega e Alvão P.	113	87 235
Barroso	100	517
Beira Douro e Távora	103	185 154
Corgo e Marão	118	362 339
Douro Superior	117	357 458
Planalto Mirandês	95	32 022
Terra Fria	105	11 266
Terra Quente	115	67 861
Região Norte	114	2 914 567

Tabela 9. Evolução da produtividade de azeitona de mesa e de azeitona para azeite, comparativamente ao ano anterior

Localização	Azeitona de mesa		Azeitona para azeite	
	%	Valor	%	Valor
Entre Douro e Minho			86	3 574
Ave			99	741
Basto			98	308
Cávado			80	3 120
Entre Douro e Vouga			50	902
Grande Porto			50	286
Ribadouro			80	3 669
Vale do Lima			95	9 131
Vale do Minho			67	3 223
Vale do Sousa			80	1 735
Trás-os-Montes	105	1 976	138	1 545
A. Tâmega e Alvão P.	500	1 687	124	2 005
Barroso			100	1 189
Beira Douro e Távora	105	420	109	2 065
Corgo e Marão			109	2 360
Douro Superior	105	2 693	133	1 398
Planalto Mirandês	102	789	104	763
Terra Fria	116	405	110	893
Terra Quente	161	1 185	165	1 742
Região Norte	105	1 976	136	1 570